

o rei imprudente
a vida de filipe I de portugal
e II de espanha
geoffrey parker

Tradução de Rui Azeredo

Dedicado a Sir John Elliott

ÍNDICE

<i>Lista de figuras e ilustrações</i>	11
<i>Convenções</i>	15
<i>Prefácio</i>	17
PARTE I. O LIMIAR DO PODER	23
1 O Aprendizado, 1527–1543	25
2 Um príncipe renascentista, 1543–1551	51
3 O rosto em mudança do império, 1551–1558	68
PARTE II. O REI E O SEU MUNDO	89
4 O rei em ação	91
5 O rei e Deus	113
6 O rei em lazer	136
PARTE III. A PRIMEIRA DÉCADA DO REINADO	159
7 Tomar o controlo, 1558–1561	161
8 «Preferia perder cem mil vidas se as tivesse»: manter a fé, 1562–1567	183
9 Vida familiar — e morte	201
10 O enigma de D. Carlos	223
PARTE IV: O REI VITORIOSO	243
11 Os anos de cruzada, 1568–1572	245
12 Anos de adversidade, 1573–1576	266
13 A crise do reino, 1576–1577	284
14 O assassínio mais vil?	305
15 Anos de triunfo, 1578–1585	324
16 «O monarca mais forte da Cristandade»	344

PARTE V: O REI DERROTADO	367
17 O «Empreendimento de Inglaterra», 1585–1588	369
18 Filipe ao largo, 1589–1592	391
19 Rumo ao túmulo — e mais além, 1593–1603	410
Epílogo	436
Ilustrações	451
Abreviaturas	483
Notas sobre as fontes	490
Notas	503
Bibliografia	542
Agradecimentos	555

LISTA DE FIGURAS E ILUSTRAÇÕES

F i g u r a s

1. A monarquia espanhola no seu apogeu, em 1585.
2. A família de Carlos V.
3. Livros adquiridos por Filipe, 1535–47. Gonzalo Sánchez-Molero, *La «Librería Rica»*, 55.
4. Viagem de ida de Filipe aos Países Baixos em 1548–9 e volta em 1550–1. Baseado em Calvete de Estrella, *El felicíssimo viaje del muy alto y muy poderoso Principe don Phelippe e Gachard, Voyages des souverains des Pays-Bas*, IV, 4–7.
5. A viagem de Filipe pelos Países Baixos em 1549. Baseado em Calvete de Estrella, *El felicíssimo viaje*, «Itinerario breue del príncipe».
6. Execuções por heresia na fogueira em Inglaterra, 1555–58. Duffy, *Fires of faith*, 129, baseado em dados recolhidos por John Foxe Project.
7. As guerras de Filipe II.
8. Os conselhos de Filipe II.
9. Os retiros rurais de Filipe.
10. A família de Filipe II.
11. D. Carlos e os seus antepassados ausentes.
12. A fertilidade limitada de Filipe II.
13. O custo da guerra em duas frentes, 1571–77.
14. Requisições de cópias de documentos recebidas pelo arquivo de Simancas, 1548–99. Rodríguez de Diego, «Un archivo», gráfico 6.

I l u s t r a ç õ e s

1. Frontispício proposto para Antonio Herrera y Tordesillas, *Historia Geral do Mundo no Tempo de Filipe II, o Prudente*, 1599. AHN *Consejos* 4416/101.
2. Antonio de Honcala, Filipe em bebé e em jovem, 1546. Antonio de Honcala, *Pentaplon christianae pietatis* (Alcalá de Henares, 1546): Biblioteca da Universidade de Granada, A-029-170.
3. Jan Vermeyen, Carlos V assiste a «um jogo das canas» com a sua mulher e família, 1539. Jan Cornelius Vermeyen, «Carolus Quintus imperator, rex, charissime conjugi Isabella auguste gravide in agro Toletani». Levantamento fotográfico, The Courtauld Institute of Art, Londres. Coleção privada.
4. Filipe desfigura os seus livros, 1540–41. *Emblemata et instrumenta bellica e Cronica del sancto rey don Fernando tercero*, Património Nacional, Biblioteca do Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial, Y-II-21 fo. 3v. e 29-V-7, fo. V.
5. Filipe escreve à sua tia, Maria da Hungria, dezembro de 1544. HHStA Bélgica P.A. 60 Konvolut 4 fo. 132v, Filipe para Maria da Hungria, 12 de dezembro de 1544.
6. Uma justa numa praça pública, c. 1549. Miniatura de *Les heures de Notre Dame*, Bibliothèque Royale Albert 1er, MS II, 158, fol. 6v.

7. Imagem do arco do triunfo erguido para receber Filipe em Antuérpia, 1549. Cornelius Schryver, *Spectaculorum in susceptione Philippi* (Antuérpia, 1550), 53r, «Arcus Publicus, ad Divi Michaelis».
8. Carlos V, de Jacques le Boucq, 1555. Bibliothèque Municipale, Arras, França, Ms 266/72.
9. Filipe, conquistador de Saint-Quentin, de Antonio Moro, c. 1560. Património Nacional: Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial.
10. e 11. Filipe corrige os seus documentos, 1576. © The British Library Board. Todos os direitos reservados (BL *Addl.* 28.357/136); HSA *Altamira* 1/III/22, por cortesia de The Hispanic Society of America, Nova Iorque.
12. Filipe concede uma audiência a Leonardo Donà, embaixador da República de Veneza, de Marco Vecellio, c. 1600. Pinacoteca, Palazzo Donà dalle Rose, Veneza.
13. Frontispício de Luis Cabrera de Córdoba, *História de Filipe II, Rei de Espanha*, de Pierre Perret, 1619. Biblioteca Nacional de Espanha, Madrid.
14. Relicários no Escorial. Património Nacional: Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial.
15. e 16. A primeira e a segunda folhas de rosto da «Bíblia Real». *Biblia Sacra Hebraice, Chaldaice, Graece & Latine* (8 vols., Antuérpia, 1569–73), vol. I. The Beinecke Rare Book and Manuscript Library.
17. A «Janela do Rei» celebrando a vitória de Saint-Quentin, Igreja de São João, Gouda, de Wouter Crabeth, 1557–59. Sint Janskerk, Gouda, Holanda.
18. Cristo confere a Filipe as insígnias da realeza, de Hieronymus Wierix, 1585. BRB, Cabinet des Estampes, A.1511.
19. Filipe surpreendido com o seu rosário, de Sofonisba Anguissola, c. 1575. Museo del Prado. White Images / Scala, Florença.
20. Filipe corrige os planos dos seus arquitetos, 1561–62. AGS *MPD* XL-1.
21. «A Casa do Rei de Espanha», de Fabrizio Castello, 1576. Hatfield House, Inglaterra.
22. As efígies fúnebres de Filipe e da sua família no Escorial, de Pompeo Leoni, 1597–1600. Património Nacional: Basílica do Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial.
23. Filipe remove um trecho injurioso de um documento sobre o Escorial, 1571. AGS *CC* 409/26.
24. «A torre filosofal» e a destilaria no Escorial, de Jehan Lhermite, c. 1600. BRB Ms II.1028: Lhermite, *Le Passetemps*, in *Revue d'histoire de la pharmacie*, 1933, vol. 21, edição 84, p. 207.
25. Um dos relógios no escritório de Filipe, de Hans de Evalo, 1583. Património Nacional, Colecciones Reales, El Candil.
26. Filipe responde sob juramento a questões colocadas pelo arcebispo Carranza, 1560. RAH Ms. 9/1804, Proceso Carranza vol. XII fo. 83v. © Real Academia de Historia, Madrid.
27. Aposentos de Filipe com vista para o Alcácer de Madrid, de Anton van den Wyngaerde, c. 1565. Anton van den Wyngaerde, «El Alcázar de Madrid», Österreichisches Nationalbibliothek, Viena, Áustria, Cod. Min. 41.
28. Filipe II atua como o próprio criptógrafo, 1567. AA 5/69, Filipe para Alba, 7 de agosto de 1567. Arquivo dos Duques de Alba.
29. Isabel de França, rainha de Espanha, de Sofonisba Anguissola, 1565. Museo Nacional del Prado.
30. O batismo do príncipe Fernando a 16 de dezembro de 1571, anónimo. Por cortesia de Khevenhüller Collection no Burg Hochosterwitz Museum, www.burg-hochosterwitz.com
31. «A oferenda de Filipe II», de Ticiano, 1572–73. Museo Nacional del Prado.
32. Filipe II, as suas filhas Isabela e Catarina e o príncipe Filipe, anónimo, 1583–84. Por cortesia de Hispanic Society of America, Nova Iorque.

33. Sor Margarita de la Cruz, de Alonso Sánchez Coello, 1585. Património Nacional: Convento de las Descalzas Reales.
34. Filipe condena à morte Gabriel de Espinosa, o «pasteleiro de Madrigal», que fingiu ser o rei Sebastião de Portugal, 1595. AGS *Estado* 173/271.
35. D. Carlos ordena ao embaixador espanhol em Roma que adquira parte do prepúcio sagrado, 1567. IVdeDJ 38/4.
36. «Finanças para totós»: tentar explicar problemas fiscais a Filipe, 1574. IVdeDJ 76/491.
37. Filipe na sua coroação como rei de Portugal, de Alonso Sánchez Coello, 1581. De Agostini Picture Library / G. Costa / Bridgeman Images.
38. A armada de Filipe derrota os seus adversários ao largo dos Açores, de Niccolò Granello e Fabrizio Castello. Património Nacional: Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial, Sala de Batalhas.
39. A insígnia da monarquia de Filipe após a união das coroas: «O mundo não é suficiente.» Museu Numismático Português, Lisboa, Inv. 2918.
40. Filipe II, de Alonso Sánchez Coello, 1587. Galleria Palatina, Pitti Palace, Florença. Photo Scala, Florença, por cortesia de Ministero Beni e Att. Culturali.
41. Um «Balanço de Sábado»: Filipe tenta equilibrar as suas finanças, 1589. AGS *CJH* 219.
42. A «Viagem a Taraçona», de Jehan Lhermite. BRB Ms II.1028: Lhermite, *Le Passetemps*.
43. Filipe II, de Alonso Sánchez Coello, 1588. Património Nacional: Mosteiro de San Lorenzo de El Escorial.
44. «Cadeira de Inválido» de Filipe, de Jehan Lhermite. BRB Ms II.1028: Lhermite, *Le Passetemps*.
45. «A Visão de Frei Julián de Alcalá», de Bartolomé Esteban Murillo, c. 1645. Sterling and Francine Clark Art Institute, Williamstown, Massachusetts, EUA / Bridgeman Images.

CONVENÇÕES

Sempre que exista uma versão portuguesa estabelecida para uma localidade estrangeira (Antuérpia, Corunha, Genebra, Haia, Viena), ela foi usada; caso contrário, preferiu-se o estilo usado atualmente na própria localidade (Mechelen, em vez de Malines; Aachen, em vez de Aix-la-Chapelle). Do mesmo modo, sempre que exista uma versão portuguesa do estilo e do título de um indivíduo (Guilherme de Orange, D. João de Áustria), ela foi usada; caso contrário, preferiu-se a versão utilizada pelo indivíduo. Uma exceção a esta regra é Antoine Perrenot de Granvelle (1517–86). Embora ele usasse o título de «bispo de Arras» entre 1540 e 1562 e, a partir dessa altura, «cardeal Granvelle», neste livro ele aparece como «Granvelle».

Para evitar confusões e facilitar comparações, todas as quantias monetárias mencionadas neste livro serão dadas em ducados espanhóis, sendo um ducado aproximadamente equivalente, nos finais do século XVI, a um escudo (ou coroa) e a dois florins. Cerca de quatro ducados equivaliam a uma libra esterlina.

A 24 de fevereiro de 1582, o papa Gregório XIII ordenou que todos os cristãos adiantassem dez dias ao calendário, mas países diferentes adotaram o «novo estilo» em ocasiões diferentes: em Espanha, o dia 15 de outubro de 1582 seguiu imediatamente o dia 4 de outubro; na maioria das províncias dos Países Baixos rebeladas contra Filipe, o dia 25 de dezembro seguiu imediatamente o dia 14 de dezembro de 1582; nas províncias «leais», o dia 22 de fevereiro seguiu imediatamente o dia 11 de fevereiro; e assim por diante. Todas as datas neste livro a seguir a 4 de outubro de 1582 aparecem no Novo Estilo exceto indicação em contrário, mesmo para os estados (como a Inglaterra) que rejeitaram o Calendário Gregoriano; e em todo o texto assume-se que cada ano de calendário começa a 1 de janeiro (e não a 25 de março, como no Estilo Antigo ou Calendário Juliano).

Ao preparar a edição deste livro foram corrigidos alguns pequenos erros. Obrigado a Jeffrey Northrup e Patrick Lenaghan por terem chamado a atenção para os mesmos.

PREFÁCIO

María José Rodríguez-Salgado, minha amiga e colega há trinta e cinco anos, escreveu: «Passei mais tempo com Filipe II do que com qualquer outro homem; na verdade, poderia dizer-se que lhe dediquei os melhores anos da minha vida.»¹ Eu poderia dizer o mesmo. Iniciei uma pesquisa documental para uma biografia do rei na década de 1960, tomando como fonte principal os memorandos hológrafos que ele trocou com os seus principais conselheiros: documentos outrora pertencentes à «coleção Altamira», mas agora divididos entre repositórios em Nova Iorque, Madrid, Genebra e Londres. Em 1978, a editora Little Brown de Boston publicou *Philip II* na sua série «The Library of World Biography», mas, desde então, milhares de memorandos hológrafos anteriormente guardados nos arquivos dos condes de Altamira entraram no domínio público. Os existentes na Biblioteca de Zabálburu, em Madrid, permaneceram fechados aos investigadores até 1987 devido a uma disputa de herança, enquanto os documentos guardados nos cofres da Hispanic Society of America, em Nova Iorque, não foram vistos por ninguém entre a data em que foram arquivados pelos secretários do rei e 2012, quando foram identificados e catalogados.

Os documentos de Altamira são únicos. O rei executou tantos negócios quanto possível por escrito, e as mensagens dele para os ministros mais importantes — muitas vezes escritas nas margens dos relatórios que eles lhe enviavam — lidavam com informação, petições e problemas que lhe chegavam à escrivaninha vindos de todo o mundo. Filipe II resolvia alguns assuntos num único documento, outros numa série de trocas de correspondência dispersas por vários dias, e outros ainda em várias correspondências no mesmo dia. Em muitos casos, Filipe caía numa logorreia que revelava não apenas os processos de pensamento que sublinhavam as suas decisões, mas que também partilhavam pormenores da sua vida pessoal — quando e onde comia e dormia; o que acabara de ler; que árvores e flores queria plantar nos seus jardins (e onde); como os problemas que tinha nos olhos, pernas ou pulsos, ou uma constipação ou dor de cabeça, o faziam atrasar-se com a papelada. Muitas mensagens lidavam também com o que os seus ministros chamavam depreciativamente

trivialidades (*menudencias*): decisões que consideravam desnecessárias. Deveria um rapaz mourisco que diziam conseguir sentir a água ir ao palácio de El Pardo, onde os jardins necessitavam de irrigação? (Sim: mas ele teria apenas uma oportunidade.) Onde deveriam os seus construtores instalar as latrinas («*necesarias*») no Escorial? («Que essas latrinas sejam instaladas onde o pessoal da cozinha não as cheire», embora «para tomar a decisão certa, gostaria de ver os planos para a canalização da água».)²

O vício do rei por «trivialidades» irritava e por vezes enfurecia os seus ministros — em parte porque o mesmo documento que comentava sobre adivinhos de água ou a instalação de latrinas poderia também comunicar uma decisão vital para o destino da monarquia: como persuadir D. João de Áustria a ir para os Países Baixos e tornar-se governador-geral; se se devia assinar ou não um cessar-fogo com o sultão otomano; quando e como invadir a Inglaterra (indo buscar três exemplos de um único ano: 1576). Na maior parte dos seus rescritos, o rei alternava entre assuntos públicos e privados sem aviso prévio, à medida que ideias diferentes lhe surgiam na cabeça. Os seus ministros sobrecarregados de trabalho precisavam, portanto, de ler cada palavra que ele escrevia. Os historiadores também devem fazê-lo.

Mesmo com esta riqueza de material particular, não é fácil escrever a biografia do rei. Filipe gabava-se: «Comecei a reinar no ano de 1543», quando o pai, o imperador Carlos V, o nomeou regente de Castela e Aragão; e entre 1554 e 1556 tornou-se, sucessivamente, rei de Nápoles e Inglaterra, governante dos Países Baixos e monarca de Espanha, Sicília e da América espanhola. Em 1565, os súbditos de Filipe iniciaram a conquista das Filipinas, cujo nome foi dado em sua honra, e entre 1580 e 1583 tomou Portugal e todas as suas possessões ultramarinas. A partir de então, governou o primeiro império global da história, até à sua morte em 1598, aos 71 anos.

A extensão da sua monarquia, aliada à longa duração do seu reinado, apresenta aos biógrafos de Filipe o primeiro dos quatro maiores obstáculos interpretativos: um excesso de dados. Tal como o distinto hispanista Pascual de Gayangos observou em meados do século XIX, à medida que transcrevia algumas das centenas de milhares de documentos escritos e lidos pelo rei, «A história de Filipe II é, de certa forma, uma história do mundo»; e William Hickling Prescott, o historiador para quem Gayangos preparou essas transcrições, iniciou o seu estudo de três volumes sobre o rei com uma alegação apenas um pouco mais modesta: «A história de Filipe II é a história da Europa durante a segunda metade do século XVI.» Embora Gayangos e outros tenham compilado mais de quinze grossos volumes de transcrições para Prescott, estes constituem apenas um fragmento da documentação sobrevivente. Numa

ocasião, o rei alegava ter assinado 400 cartas numa única manhã, e um embaixador bem informado declarava que, em alguns dias, passavam 2000 documentos pela escrivaninha real. A «filipização», o nome que Prescott deu ao seu trabalho sobre o rei, é um compromisso para a vida.³

Paradoxalmente, o segundo maior obstáculo interpretativo enfrentado pelos biógrafos de Filipe II parece contradizer o primeiro. Mesmo que um historiador diligente conseguisse consultar todos os documentos relevantes que sobreviveram, muitas das decisões do rei permaneceriam impenetráveis. Embora Filipe II pusesse no papel mais dos seus pensamentos e decisões do que qualquer outro rei, deixava deliberadamente outros na obscuridade, e urgia sempre os seus ministros a proceder «com secretismo e dissimulação» («con secreto y dissimulación», uma das frases mais comuns do seu vocabulário). Por vezes pousava deliberadamente a sua pena, pois «trata-se de um assunto sobre o qual falar, não escrever», e outras vezes tentava destruir todas as provas escritas especificamente para esconder o que fizera e porquê. Além disso, tal como o pai de Filipe o avisara uma vez, algumas decisões políticas «são tão impenetráveis e incertas que não sei como as descrever», pois «são plenas de confusões e contradições, seja devido ao estado das coisas ou devido à consciência».⁴ Tal como o pai, Filipe tomou algumas decisões por motivos que nem ele nem os seus conselheiros mais próximos poderiam explicar totalmente. Portanto, em 1571, o entusiasmo incontrolável de Filipe por um plano completamente irreal de «matar ou capturar» Isabel Tudor deixou os seus conselheiros perplexos. «É notável ver o quão empenhado Sua Majestade se tornou neste assunto inglês», escreveu o Dr. Martín de Velasco, um perito legal pragmático que serviu o rei por mais de vinte anos, e maravilhou-se com o modo «como as notícias de que a rainha [Isabel] sabe tudo sobre o seu plano pouco fizeram para arrefecer o seu ardor». Portanto, concluiu Velasco, «Sua Majestade deseja tanto esta empresa que parece tratar-se de uma obra divina», pelo que todos devem também suspender o seu ceticismo e, ao invés, «assistir e avançar com uma decisão tão sagrada».⁵

Como podem os historiadores modernos compreender assuntos que pareciam «impenetráveis e incertos» até mesmo aos protagonistas? Um recurso óbvio é o testemunho de observadores contemporâneos de Filipe II e da sua corte; mas encontramos aqui um terceiro obstáculo interpretativo, descrito memoravelmente por Voltaire, intelectual francês, em meados do século XVIII: «Para compreender Filipe II, nunca é demasiado mencionar que devemos desconfiar das descrições de contemporâneos, quase sempre motivados pela adulação ou pelo ódio.» E, de facto, como observou Robert Watson (contemporâneo de Voltaire e primeiro biógrafo escocês do rei), «Nenhuma

personagem alguma vez atraiu historiadores diferentes com opiniões mais opostas que Filipe». ⁶ Mas existe uma exceção importante: os despachos da dúzia de embaixadores estrangeiros que residiam na corte espanhola. Estes dedicavam o seu tempo, dinheiro e energia para remover o véu de «secretismo e dissimulação» com o qual o rei procurava esconder as suas decisões e planos de outros. As fontes dos diplomatas variavam entre Ruy Gómez de Silva (o Favorito português de Filipe que partilhava regularmente segredos de estado com o tio, Francisco Pereira, o embaixador português) e o anão francês da rainha Isabel (que, como todos, exceto o embaixador francês, esqueceram, assistia a rainha quase constantemente e ouvia absolutamente tudo). Os despachos diplomáticos fundamentados em fontes tão bem informadas fornecem perspetivas cruciais sobre a tomada de decisões.

O obstáculo final para compreender Filipe II é o mais difícil de ultrapassar: o seu estatuto exultado. Uma vez, um frade ousado provocou o rei: «Oh, meu senhor, muito poucos reis vão para o céu»: uma afirmação que espantou quem a ouviu. Foi então que o rei perguntou: «E porquê, padre?» Ele respondeu: «Porque há muito poucos reis!» Existem ainda menos reis no século XXI, o que faz com que seja ainda mais difícil sentirmos empatia por um monarca — em especial um como Filipe, que passou todo o seu reinado, exceto seis meses, em guerra, muitas vezes combatendo em várias frentes em simultâneo. No seu brilhante estudo, *Supreme Command*, Eliot Cohen enfatizou «as dificuldades que os escritores têm em colocar-se no lugar de um líder político em tempo de guerra» (seja rei ou plebeu), pois esses líderes possuem «várias responsabilidades e carregam stress» que muito poucos historiadores experienciaram. Cohen considerou este «o maior obstáculo ao julgamento histórico sólido da capacidade política em tempo de guerra». ⁷

Na sua afamada biografia, *Philip of Spain*, publicada em 1997, Henry Kamen contornou este obstáculo argumentando que o rei, de alguma forma, conseguiu escapar a estas «várias responsabilidades». «Filipe nunca, em momento algum, teve o controlo adequado dos acontecimentos, ou dos seus reinos, ou até do seu próprio destino», escreveu Kamen. «Logo, não pode ser responsabilizado por mais de uma pequena parte do que acabou por transparecer durante o seu reinado... Estava “preso a um destino que ele próprio pouco controlava”. Não podia fazer muito mais do que jogar com os dados que lhe estavam disponíveis.» ⁸ Rejeito este determinismo tão extremo. É certo que alguns «acontecimentos», e até alguns «reinos», escaparam ocasionalmente ao controlo de Filipe II, assim como escaparam ocasionalmente ao controlo de cada líder em tempo de guerra: mas Filipe II passou quase todos os dias da sua longa vida a tomar decisões que pretendiam reter ou retomar a iniciativa.

Uma noite, em 1557, encontramos-lo a escrever ordens pelo próprio punho «à uma hora da manhã»; em 1565 trabalhava arduamente à escrivadinha, embora «esteja tão preocupado e esfaimado de sono porque preciso de passar a maior parte das noites a ler os documentos que outros assuntos me impedem de ver durante o dia — e portanto estou apenas a começar a olhar para o que me enviou agora, quando já passa da meia-noite»; em 1575, «são 10 horas, sinto-me estafado e a morrer de fome»; e, em 1583, «passei o dia todo a ler e a escrever, e com outras coisas que precisava de fazer hoje, mas tudo papelada; e, por isso, escrevo isto depois das 10 horas, muito cansado e com muita fome».⁹

Muitas das decisões tomadas por Filipe II durante os longos e solitários dias e noites à escrivadinha tiveram consequências importantes. Em 1566, a sua recusa em renovar as concessões (*Mandatos*) atribuídas pelo pai aos mouriscos (cristãos de ascendência moura) de Granada quarenta anos antes e, em vez disso, impor-lhes a conformidade religiosa, produziu uma guerra civil que levou à morte de uns 90.000 espanhóis, tanto cristãos como muçulmanos, e o realojamento forçado de uns quantos 80.000 mouriscos. A determinação do rei em 1571 de «matar ou capturar» Isabel Tudor tornou-a numa inimiga implacável que infligiu grandes danos nos súbditos e no prestígio de Filipe II durante o resto do reinado dela. Mais custosa ainda foi a decisão do rei de renovar a guerra nos Países Baixos em 1577, que abriu as hostilidades que durariam por trinta anos, causando a morte de dezenas de milhares de homens, mulheres e crianças, e que custou mais de cem milhões de ducados. Nestes e noutros inúmeros casos, Filipe tinha certamente o «controlo dos acontecimentos», assim como do «seu próprio destino»: ele poderia ter feito uma escolha diferente — renovar os *Mandatos*; deixar Isabel Tudor sossegada; preservar a paz acabada de ser alcançada nos Países Baixos —, mas não o fez.

Em 1599, Antonio de Herrera y Tordesillas completou o rascunho de uma história dos tempos recentes comissionada por Filipe II. Reparou que «todos os reis do mundo, e em especial os de Castela e Aragão», usaram um cognome (tal como *a Católica* ou *o Sábio*), e atenciosamente forneceu ao conselho real uma lista de títulos que considerava apropriados ao falecido rei: «O bom, o prudente, o honesto, o justo, o pio, o modesto, o constante.» Forneceu também uma imagem heroica que incluía um destes cognomes (ver ilustração 1).¹⁰ O conselho aprovou, e Herrera intitulou o livro *Historia General del Mundo del Tiempo del Señor Rey Don Felipe II, el Prudente*, dando ao rei o título que se tornou universal desde então.

Embora *O Rei Imprudente* argumente que Herrera errou na escolha de cognome, concordo com Santo Agostinho que *Nemo nisi per amicitiam cognoscitur* — «Não se consegue conhecer ninguém a não ser pela amizade». Isso

não significa que os biógrafos devam confiar implicitamente nos seus visados: pelo contrário, devemos estar preparados para que eles (vivos ou mortos) nos enganem, tanto deliberadamente (através da falsificação ou destruição de documentos comprometedores) como inadvertidamente (através da nossa própria capacidade limitada de compreender o seu mundo, ou por considerarmos desenvolvimentos futuros que os protagonistas não poderiam conhecer). Mas o ensinamento de Santo Agostinho exige que os biógrafos concedam aos seus sujeitos a mesma abertura de mente, a mesma prontidão de escutar, que se concederia a um amigo. É nesse espírito, caro leitor, que vou usar as próprias palavras de Filipe II o mais possível para retratar a sua longa vida, desde a sua conceção no Alhambra em Granada, em agosto de 1526, até setembro de 1603, cinco anos após a sua morte, quando um grupo de testemunhas maravilhadas, perto da aldeia de Paracuellos de Jarama, viram a alma do rei ascender do Purgatório ao Paraíso.

PARTE I

O LIMIAR DO PODER

CAPÍTULO UM

O Aprendizado, 1527 – 1543

A 10 de março de 1526, Carlos V, imperador do Sacro Império Romano e governante da Espanha, México, Países Baixos e grande parte da Itália, cavalgou pela primeira vez em direção à movimentada cidade de Sevilha. Ainda com os trajes de viagem e coberto de poeira, desmontou no pátio do palácio real e entrou no quarto onde a princesa Isabel de Portugal, sua prima, o esperava. O papa já enviara uma dispensa para permitir que os dois primos casassem na Quaresma, e os representantes de ambos já tinham assinado o contrato matrimonial; por isso, após 15 minutos de conversa de circunstância com a noiva que nunca vira, Carlos vestiu as suas melhores roupas, assistiu a uma missa nupcial e dançou. Depois, às duas horas da madrugada, o casal foi para a cama e consumou a união.

As primeiras semanas da vida de casado do casal imperial foram idílicas. Ficavam «na cama até às 11 h ou 12 h» da manhã e davam «todos os sinais de contentamento» após emergirem de lá.¹¹ O casal e o seu séquito viajaram então lentamente até Granada, para prestarem homenagem aos seus antepassados comuns sepultados na catedral, planeando continuar a sua viagem real até Barcelona, de onde Carlos partiria para liderar uma cruzada contra os turcos otomanos, deixando a mulher a governar Espanha; mas foi então que chegaram notícias de que o rei Francisco I de França declarara guerra contra ele. Isso impediu a partida do imperador de Espanha. Portanto, ele e a mulher passaram os seis meses seguintes em Granada, esperando que a situação internacional melhorasse, e o futuro Filipe II foi concebido no Alhambra, bem acima da cidade. O embaixador inglês foi o primeiro a descobrir. «A imperatriz está de esperanças, deixando o povo todo encantado», escreveu ele a 30 de setembro de 1526 — a primeira menção conhecida do futuro rei. A imperatriz permaneceu em Granada, a descansar, até ao início do ano seguinte, quando viajou vagarosamente para se juntar ao marido em Valladolid, então capital administrativa de Castela.¹²

Como acontece muitas vezes com um primeiro filho, a imperatriz esteve em trabalho de parto durante longas horas. Pediu que lhe colocassem um véu sobre o rosto, para que ninguém pudesse ver a sua agonia; e quando uma

parteira lhe implorou que desabafasse tudo o que estava a sentir, a imperatriz respondeu severamente: «Preferia morrer. Não fale comigo assim: posso morrer, mas não gritarei.» Filipe chegou ao mundo por volta das quatro horas da tarde de 21 de maio de 1527. Muitos espanhóis esperavam que o príncipe recebesse um dos nomes tradicionais das dinastias peninsulares, como Fernando ou João, mas Carlos insistiu em dar ao seu primogénito o nome do pai, portanto, durante a cerimónia de batismo duas semanas depois, os heraldos reais clamaram três vezes: «Filipe, pela graça de Deus, príncipe de Espanha!» Mas Filipe era herdeiro de muito mais do que a Espanha.¹³

A h e r a n ç a

Um acidente dinástico juntou na pessoa de Carlos V quatro heranças distintas. Do avô paterno, o imperador Maximiliano da Áustria, Carlos recebeu as terras ancestrais de Habsburgo, na Europa central; da avó paterna, Maria de Borgonha, herdou vários ducados, condados e senhorios nos Países Baixos e o Franco-Condado de Borgonha. Da avó materna, a rainha Isabel, *a Católica*, Carlos recebeu Castela e os seus postos avançados no Norte de África, Caraíbas e América Central; do avô materno, Fernando, *o Católico*, herdou Aragão e os domínios aragoneses de Nápoles, Sicília e Sardenha. Carlos logo acrescentou mais territórios a este núcleo impressionante de estados patrimoniais: várias províncias nos Países Baixos por tratado; o ducado da Lombardia em Itália quando a sua dinastia nativa se extinguiu; e Tunes, no Norte de África, por conquista. Mais espetacular ainda, nas Américas, cerca de 2000 dos seus súbditos espanhóis destruíram o império asteca e ocuparam uma área oito vezes maior do que Castela, a partir de onde menos de 200 homens iniciaram a conquista do império inca no Peru. Em 1535, ao entrar na cidade de Messina, na Sicília, Carlos V viu pela primeira vez a frase feliz cunhada pelo poeta romano Virgílio para as possessões do imperador Augusto, quinze séculos antes: A SOLIS ORTU AD OCCASUM, «do nascer ao pôr do sol» — ou, como diriam os seus «relações-públicas», «um império onde o Sol nunca se põe».

Nenhum governante europeu jamais controlara territórios tão extensos, e a ausência de precedentes ajuda a explicar a natureza aparentemente acidental da tomada de decisões dos Habsburgos espanhóis: não tinham outra escolha senão improvisar e experimentar, testar técnicas diferentes de governação à medida que avançavam, aprender por tentativa e (por vezes) erro. De qualquer modo, uma experiência anterior poderia não ter ajudado, pois durante a maior parte do seu reinado Carlos enfrentou uma combinação sem

precedentes de inimigos: dois religiosos, os protestantes e o Papado, e dois políticos, a França e o império otomano.

Quando Maximiliano morreu, em janeiro de 1519, deu-se uma sinergia perigosa entre estes inimigos, deixando dois itens importantes de assuntos por resolver. O falecido imperador falhara ao silenciar o Dr. Martinho Lutero, professor da Universidade de Wittenburg, na Saxónia, que escrevia panfletos e discursos para mobilizar o apoio público das suas alegações de que o Papado era corrupto e exigia uma reforma urgente. Maximiliano não logrou também fazer com que Carlos o sucedesse como imperador sacro-romano, governante supremo da Alemanha, e durante a primavera e verão de 1519, Carlos e Francisco I pagaram enormes quantias de dinheiro aos sete eleitores (*Kurfürsten*) que iriam escolher o «rei dos Romanos» (imperador-eleito, pendente da coroação papal). Carlos acabou por ganhar, de maneira que os seus territórios rodeavam agora a França a norte, este e sul. Em 1521, Francisco declarou a guerra, e durante mais de um século os reis de França iriam tentar acabar com o que viam como o cerco habsburgo pelos vários territórios herdados ou adquiridos por Carlos.

Também os papas se sentiam ameaçados pela eleição imperial, pois Carlos governava agora não só a Sardenha e a Espanha a oeste, e Nápoles e a Sicília a sul, mas também o império (e, após 1535, Milão) a norte. Além disso, Roma dependia da exportação de cereais da Sicília, enquanto todo o seu comércio por mar e por terra estava à mercê das bases habsburgo que a rodeavam. O apoio papal às «cruzadas» de Carlos (e mais tarde do filho), tanto contra muçulmanos como protestantes, tendia, portanto, a manter o silêncio, por medo de que qualquer sucesso adicional apertasse o cerco a Roma. Os sultões otomanos também viam Carlos como seu inimigo natural. No decurso do seu longo reinado (1520–66), Solimão, *o Magnífico*, liderou as suas tropas subindo o Danúbio cinco vezes, ganhando terras em cada ocasião, tanto dos Habsburgo como dos seus aliados. Apenas a sua necessidade de lidar com outros inimigos estrangeiros e domésticos preveniram mais avanços.

Os inimigos internos também distraíam Carlos periodicamente. Para começar, a morte do avô Fernando de Aragão, em 1516, deixou uma herança contestada. Embora o casamento de Fernando com Isabel de Castela tenha criado uma união dinástica, deixou intactas as instituições, leis, moeda e estrutura judicial de cada possessão — Castela, Aragão, Catalunha, Valência e Navarra (anexada por Fernando em 1512) — e os poderes e políticas da coroa diferiam em cada área. Acima de tudo, embora Fernando tenha sido o rei consorte de Castela durante a vida de Isabel, quando ela morreu, em 1504, o título terminou e a coroa passou para a filha mais velha do casal, Joana, e o marido, Filipe de Habsburgo, governante dos Países Baixos, pais de Carlos.

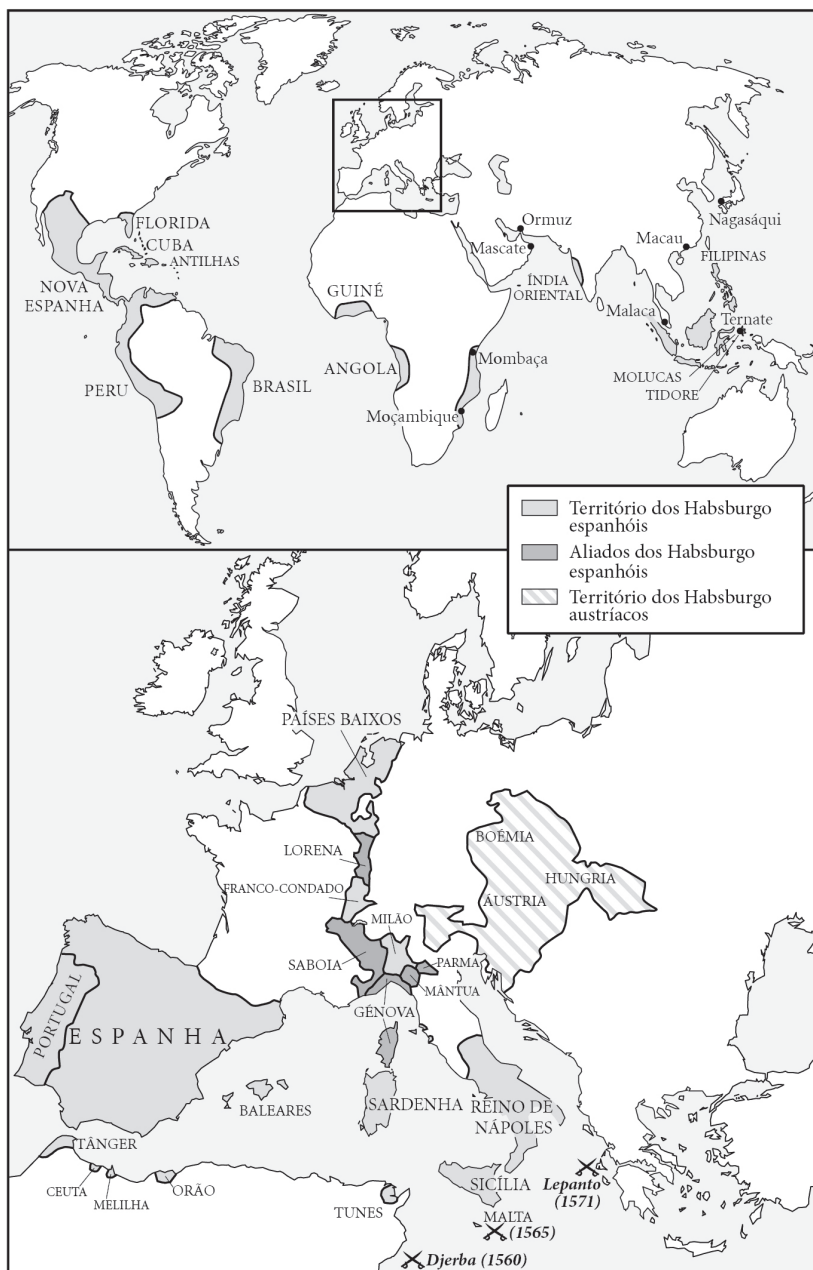


Figura 1. A monarquia espanhola no seu apogeu, em 1585. A anexação de Portugal e das suas possessões ultramarinas tornou Filipe no governante do primeiro império global da história. Embora o seu núcleo permanecesse na Península Ibérica, os assuntos referentes a África, Ásia e América fluíam regularmente pela escrivaninha de Filipe II e exigiam-lhe que tomasse decisões infundáveis.

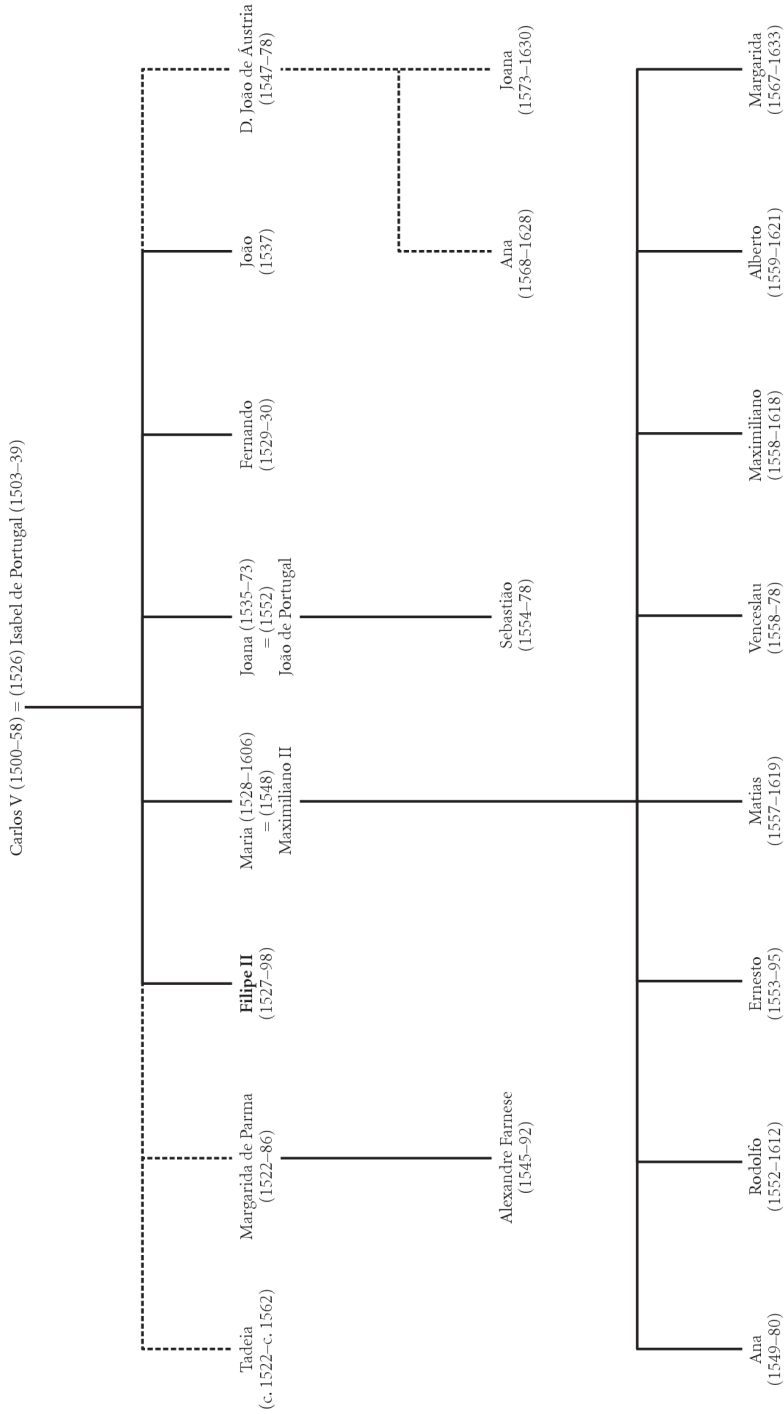


Figura 2. A família de Carlos V. A Casa de Habsburgo tendia a produzir grandes famílias ou nenhuma. Então, dos quinze filhos de Maria, filha de Carlos V (apenas oito dos quais aparecem no quadro, por motivos de espaço), apenas Ana teve filhos, dos quais somente um, o futuro Filipe III, produziu herdeiros. O resto, aparentemente, casou demasiado tarde para reproduzir ou não se casou. (As linhas a tracejado no quadro indicam ilegitimidade.)

Joana, ao contrário da mãe, não mostrou qualquer desejo ou aptidão para a governação, portanto, Fernando e Filipe disputaram o controlo de Castela. Filipe foi o vencedor — mas morreu praticamente de imediato, após o que Fernando demitiu os oficiais nomeados pelo genro, a maioria dos quais (mais tarde conhecidos por «filipistas») fugiu para a corte do jovem Carlos nos Países Baixos, onde passaram a década seguinte a planear vingança. Fernando pôs também Joana, embora «rainha proprietária» de Castela, em prisão preventiva e agiu como «governador» do reino. No seu último testamento, nomeou Carlos como único herdeiro e, em 1517, o príncipe e os «filipistas» chegaram dos Países Baixos para tomar o poder. Dois anos depois, a eleição de Carlos como imperador sacro-romano obrigou-o a regressar ao Norte da Europa para restaurar a ordem na Alemanha e, na sua ausência, surgiram grandes revoltas anti-Habsburgo em Maiorca, Sicília, Valência e, acima de tudo, Castela, onde os rebeldes, conhecidos por *Comuneros*, quiseram tornar Joana rainha de facto, além de nome. O regresso do imperador a Espanha, em 1522, restaurou a ordem, mas quatro anos mais tarde o apoio militar e financeiro dos Habsburgo não conseguiu impedir que Solimão avançasse para a Hungria. Desesperado, Carlos ofereceu tolerância aos luteranos da Alemanha em troca de assistência militar contra os turcos. A disseminação das ideias protestantes acelerava agora tanto dentro como para lá da Alemanha.

« F i l i p i n h o »

Carlos viu-se impotente para travar estes desenvolvimentos devido à guerra com França e vários estados italianos o manterem confinado a Espanha, portanto, em vez disso, orquestrou demonstrações de regozijo pelo nascimento de *Felipito* («Filipinho»), como lhe chamava o bobo da corte. Segundo um embaixador, «o imperador está tão feliz, encantado e orgulhoso do seu novo filho que não faz mais nada a não ser exigir celebrações». Obviamente, «Felipito» permanecia ignorante quanto a isto, assim como à cerimónia em Madrid em 1528, na qual os seus futuros súbditos lhe juraram fidelidade como príncipe de Castela. Em vez disso, a sua atenção focava-se naqueles que tomavam conta dele.¹⁴

Carlos e Isabel continuaram a aparecer em público como «os esposos mais felizes do mundo», mas, embora a imperatriz adorasse o marido, ele considerava a mulher principalmente em termos de administração e procriação.¹⁵ Graças às amas de leite, a imperatriz rapidamente recuperou a fertilidade e, três meses após o nascimento do príncipe, Carlos deixou a sua mulher

recém-engravada como regente de Castela enquanto partia para Aragão assistir às Cortes (a assembleia representativa), pretendendo viajar para Barcelona e daí para Itália; e quando as hostilidades com França mais uma vez impediram a sua partida, foi para Valência em vez de regressar para junto da mulher. Carlos não estava, portanto, presente quando Isabel deu à luz o segundo bebé, Maria, em junho de 1528. Regressou algumas semanas depois, mas partiu nove meses mais tarde — deixando mais uma vez a mulher grávida a servir como regente. Dessa vez, uma paz vantajosa com os inimigos permitiu a Carlos atravessar o Mediterrâneo para Itália. Embora o seu novo filho, Fernando, tenha morrido na infância, o imperador não regressou para ver a mulher e os filhos sobreviventes durante quatro anos.

Portanto, «Felipito» passou a maior parte da infância sem pai. Deixou de mamar aos 2 anos e, no ano seguinte, ele e a irmã «passavam o tempo a competir para ver quem tinha mais roupas». Um cortesão obsequioso informou Carlos de que o seu filho «e a sua besta são tal ameaça aos veados que receio que quando Sua Majestade regressar [a Espanha] não terá mais nada para matar». Tal como todas as crianças pequenas, o príncipe teve os seus altos e baixos. Em 1531, quando «organizou as crianças» da corte para uma justa a fingir «usando velas acesas como lanças», toda a gente riu. Voltaram a rir quando Filipe tentou persuadir um cortesão a aceitar um dos seus pajens «por ter muitos», e quando o cortesão recusou, ofereceu «o pajem à irmã, que não tinha nenhum; e eles responderam que não era assim tão fácil encontrar pajens. A isto ele respondeu, zangado: “Então encontrem outro príncipe: encontrarão muitos nas ruas”» (o primeiro diálogo registado de Filipe). No entanto, noutras alturas, «Sua Alteza zanga-se quando não consegue comer o que quer. Pode tornar-se tão cansativo» que a mãe «se aborrece bastante com ele e às vezes lhe bate». ¹⁶

Aos 4 anos, Filipe recusou viajar com a mãe na carruagem dela; em vez disso, «queria que a infanta [Maria] viajasse com ele, pois gosta imenso da sua companhia — o que sugere que será um mulherengo». O príncipe recusava-se também a montar a sua mula à amazona: «Montava apenas se tivesse os pés nos estribos.» ¹⁷ No dia da festa de Santiago de 1531, para assistir à cerimónia num convento onde três jovens se tornaram freiras, o príncipe descartou as vestes longas na altura envergadas pelas crianças de ambos os sexos e apareceu pela primeira vez vestindo o gibão e *collants* usados apenas pelos rapazes. A partir de então, embora ainda sempre acompanhado para todo o lado pela mãe, as suas damas de companhia e a irmã, o príncipe começou a assistir a torneios, festivais e outras atividades públicas. Começara a passar do palco privado para o público.

A decisão da imperatriz de cumprir este rito de passagem num convento reflete não apenas a sua devoção como também o zelo piedoso das outras duas mulheres que supervisionavam o bem-estar do jovem príncipe: Doña Inés Marique de Lara e Doña Leonor de Mascarenhas. A primeira, oriunda de uma família castelhana proeminente, servira Isabel, *a Católica*, e depois retirara-se para um convento, onde a sua piedade exemplar lhe concedeu a reputação de santa (*beata*). Foi sem dúvida isso que levou a imperatriz a chamar Doña Inés à corte para ser a precetora (*aya*) do filho, responsável pelo seu bem-estar físico e moral. D. Leonor, muito mais nova e que migrara de Portugal para Castela no séquito da imperatriz, vivia também como *beata*. Embora sem título oficial, agia como precetora informal do príncipe. O zelo religioso destas duas mulheres espelhava o da imperatriz: prático, ascético e intenso. Antes da concepção de Filipe, Isabel encomendou missas especiais para assegurar a sua fertilidade e fez um voto à igreja de Santa María la Antigua, em Sevilha, de que daria uma estátua de prata do filho como *ex voto* por cada filho que concebesse (o testamento dela estipulou que cinco estátuas de prata deveriam ser feitas e entregues à igreja). Deu à luz rodeada pela coleção de relíquias que trouxera de Portugal e agarrando a «cinta de Santa Isabel», que a mãe de João Batista alegadamente segurara durante o parto; depois, enviou as vestes que o filho usara antes e depois do batismo para serem abençoadas por outra *beata*, que lhe enviou algumas das suas próprias vestes para que, de acordo com um cronista, «o príncipe fosse enfaixado nelas e assim protegido de ataques do Diabo».¹⁸

Filipe sobreviveu não só aos «ataques do Diabo» como também aos azares normais da infância. Um dia afastou-se para lá do corrimão de segurança num dos andares superiores do palácio, e tais acontecimentos traumáticos, juntamente com a morte de Fernando, o segundo filho da imperatriz, afetaram profundamente Isabel. A partir de então, entrava em pânico à mais pequena enfermidade dos filhos que lhe restavam, em especial Filipe, e o espírito dela vergava sempre que Carlos se ausentava. De acordo com um embaixador estrangeiro, «a depressão dela tem origem na perda do infante, que goza da glória divina, e das enfermidades do príncipe, mas acima de tudo da ausência do marido».¹⁹ Então, na primavera de 1533, chegaram notícias de que Carlos viria a Barcelona, e Isabel partiu com os dois filhos para se encontrar com ele. Filipe era agora suficientemente alto e forte para montar a cavalo, mas faltava-lhe desenvolvimento intelectual: ainda não aprendera a ler, e a sua exposição principal à cultura escrita permanecia oral. Ouvia a *Canção de El Cid* com tanta frequência que sabia partes de cor: quando um dos seus companheiros o importunou um dia, Filipe respondeu

«Aborreces-me bastante, fulano; mas amanhã irás beijar-me a mão», uma resposta claramente baseada numa passagem do épico medieval, na qual o rei D. Afonso diz a El Cid:

Aborreces-me bastante, Rodrigo; Rodrigo, tratas-me mal,
Mas amanhã prestarás fidelidade, e então beijarás a minha
mão.²⁰

De volta a Espanha, o imperador decidiu que o filho — agora com 7 anos — precisava de um tutor, e em 1534 nomeou Juan Martínez del Guijo, habitualmente conhecido pela versão latinizada do seu sobrenome, *Silíceo*, um padre de 48 anos de origens humildes que estudara em Paris e publicara livros de filosofia e matemática antes de se tornar professor de filosofia na universidade de Salamanca. Durante os cinco anos seguintes, sob a instrução de Silíceo, o príncipe teve dificuldade em aprender a partir da *Breve Gramática* de Marineo Sículo (aparentemente o primeiro livro do príncipe) e as obras devocionais de Ludolf da Saxónia, conhecido como «O Cartusiano».

Em março de 1535, Carlos voltou a abandonar o filho e deixou a mulher grávida: três meses depois ela deu à luz outra filha, Joana. Pouco tempo volvido, Carlos decidiu retirar o príncipe do «controlo das mulheres» e criou uma casa separada para ele, encabeçada por D. Juan de Zúñiga y Avellaneda, um «filipista» que o servia há quase trinta anos. De forma significativa, Carlos declarou que queria que o filho fosse criado do mesmo modo que o tio, o príncipe João de Trastámara, filho e herdeiro de Fernando e Isabel. A criação de uma casa separada em 1535 significava que a partir de então o séquito de Filipe incluiria apenas servos do sexo masculino (o imperador nomeou cerca de quarenta) e que Zúñiga (ou o seu representante) dormiria nos aposentos dele à noite e o manteria sob vigilância constante durante o dia. «Apenas me ausento», assegurou Zúñiga a Carlos, «quando escrevo a Sua Majestade» ou quando o seu protegido estava «na escola, ou algures onde a mãe e eu não podemos entrar».²¹ O mundo de Filipe não voltaria a ser o mesmo.

Príncipe de Espanha

A ausência de Zúñiga quando o príncipe estava «na escola» refletia a tradição castelhana de que «um príncipe deveria ter duas pessoas a instruí-lo em assuntos diferentes: um tutor [*maestro*] para ensiná-lo a escrever e boas maneiras, e

um preceptor [*ayo*] para lhe ensinar exercícios militares e de corte». ²² A única responsabilidade de Silíceo era, portanto, ensinar o príncipe e os seus pajens principais a ler, escrever e rezar; mas o progresso era lento. Em novembro de 1535, Carlos soube que «passaram dois meses sem qualquer leitura ou escrita», pois o príncipe adoecera; enquanto três meses depois Silíceo anunciou que suspendera de novo o estudo de latim do príncipe por alguns dias «pois começar é tão difícil» — não admira que aos 13 anos o príncipe «começou apenas agora a escrever latim». ²³

Em contraste, Filipe mostrou uma devoção religiosa precoce. O severo e pio Zúñiga notou que «o temor a Deus surge de forma tão natural no príncipe que nunca vi nada assim em alguém da idade dele»; mas, continua, o príncipe «aprende muito melhor depois de sair da escola» — acrescentando maliciosamente «e nisto parece-se um pouco com o pai na mesma idade». As compras frequentes de bestas, setas e dardos pelo tesoureiro da casa do príncipe testemunham a capacidade crescente de Filipe de abater animais nos parques reais e, ao fim de um tempo, Carlos teve de estabelecer uma quota semanal de cada espécie que Filipe podia matar. ²⁴ Para compensar a desilusão, o camareiro do príncipe recebeu «trinta ducados por mês com os quais comprar coisas que agradassem a Sua Alteza». Estas incluíam «um cavaleiro de prata com armadura completa e um cavalo de prata para o dito cavaleiro»; «uma pequena peça de artilharia de bronze, montada numa carruagem», e «seis pequeníssimas peças de artilharia folheadas a ouro». Supunha-se que todos estes artigos desenvolvessem o espírito marcial do jovem príncipe. Outros artigos foram comprados apenas «para o agrado de Sua Alteza», tais como «um sino da América com um lindo som». Filipe possuía também um baralho de cartas com o qual ele e o filho mais velho de Zúñiga, Don Luis de Requesens, «passavam um dia inteiro a construir uma igreja feita de cartas». Gostava também de aves engaioladas, algumas delas cegadas deliberadamente, pois pensava-se que as aves cegas cantavam melhor, e uma das imagens mais antigas do jovem príncipe que sobrevivem até hoje mostra-o a brincar com uma ave controlada por um fio (ver ilustração 2). Mais tarde, adquiriu outros animais de estimação, incluindo um cão que dormia nos aposentos dele, um macaco, seis porquinhos-da-índia e um periquito. ²⁵

Filipe aprendeu também a comportar-se apropriadamente em público. Dançava com a irmã e marchava nas procissões que precediam as corridas de touros e torneios e, em 1535, pela primeira vez, apareceu em público de armadura na cerimónia de abertura de uma justa. O imperador raramente estava presente nestes eventos. Deixou Espanha em março de

1535 e regressou apenas em janeiro de 1537; depois disso, assim que a imperatriz voltou a conceber, Carlos partiu para Aragão e a imperatriz deu à luz sozinha outro rapaz, chamado João (em honra do tio trastâmara de Carlos). Também ele morreu pouco depois. Isso fez com que o imperador apressasse o seu regresso a Espanha — talvez preocupado com o facto de a mulher se estar a aproximar do fim da sua fertilidade quando ele tinha apenas um herdeiro — e logo Isabel engravidou pela quinta vez. De novo abortou. Uma pintura de março de 1539 mostra a família real a observar atentamente um torneio juntos, mas a sua felicidade não iria durar: a imperatriz voltou a dar à luz um nado-morto, adoeceu e morreu a 1 de maio de 1539, três semanas antes do décimo segundo aniversário do príncipe Filipe (ver ilustração 3).

Filipe nunca esqueceu os anos passados com a mãe. Quando, em 1570, o mordomo da sua nova mulher, Ana de Áustria, perguntou que protocolo a casa dela deveria seguir, o rei respondeu secamente «que tudo seja igual ao tempo da minha mãe»; e quando surgiam questões específicas, ele voltava a referir-se a «o que me lembro de ter acontecido no tempo da minha mãe». Filipe lembrava-se também de acontecimentos e pessoas dos seus primeiros anos de vida. Um dia, em 1594, com 67 anos, foi assoberbado pelas reminiscências desses anos ao ler uma carta propondo candidatos ao posto de inquisidor-geral. Quando o cardeal Juan de Tavera conseguiu o posto, Filipe refletiu: «Ele foi arcebispo de Toledo desde o ano de 1534, quando Don Alonso de Fonseca morreu. Também o conhecia, e vi-o na noite antes de ele morrer: acabáramos de chegar a Alcalá de Henares, e ele morreu nessa noite.» O rei recordou ainda o seu primeiro encontro com o pai de um dos candidatos, «no início do ano de 1533, com a minha senhora a imperatriz, que está em glória, quando fomos a Barcelona esperar a chegada do imperador». E acrescentou: «Fiz 6 anos em Barcelona nesse ano.»²⁶

P a i e f i l h o , 1 5 3 9 – 4 3

Após a morte da mulher, o imperador retirou-se para um mosteiro durante sete semanas para fazer o luto, e ordenou que ambas as filhas se mudassem para a cidade de Arévalo, onde poderiam crescer longe da azáfama da corte — e longe do irmão. Filipe presidiu então sozinho às cerimónias fúnebres da mãe, realizadas na igreja de San Juan de los Reyes, em Toledo. Foi a sua primeira presença no palco público como artista a solo.

Quando emergiu do seu retiro monástico, Carlos resolveu tomar conta

pessoalmente da educação do seu herdeiro e, para esse fim, aumentou de forma significativa o tamanho da casa real de Filipe, nomeando Zúñiga como mordomo (embora permanecendo como preceptor do príncipe); mas quase de imediato chegaram notícias de uma revolta fiscal nos Países Baixos. Tal facto apresentou um dilema agonizante a Carlos e aos seus conselheiros, pois os contribuintes de Castela também pareciam inquietos. Em 1538, os nobres reunidos nas Cortes de Castela recusaram votar a favor de mais fundos para as guerras do imperador, e ele dissolveu a reunião com reprimendas furiosas. Deixar Espanha representava, portanto, um grande risco: toda a gente se lembrava que da última vez que Carlos partira sem nomear um regente de sangue real, a revolta dos Comuneros quase lhe custou o trono. Agora, sem a imperatriz, faltava-lhe um parente adulto que pudesse governar Espanha; mas ele não se atrevia a ficar pois, de acordo com o seu regente nos Países Baixos, «o que está aqui em risco é se Sua Majestade será mestre ou servo».²⁷

Em novembro de 1539 Carlos partiu para os Países Baixos, deixando Filipe como regente em nome, mas com o poder executivo investido no cardeal Tavera, primaz de Espanha e inquisidor-geral, assistido por Francisco de Los Cobos, o líder de facto da burocracia administrativa e financeira de Castela, que Carlos nomeou como secretário de Filipe. Mesmo antes de deixar Espanha, Carlos preparou dois conjuntos de instruções. As endereçadas aos seus ministros concentravam-se nas suas responsabilidades e deveres administrativos (tanto em relação ao imperador como quanto a cada um deles), enquanto o documento deixado a Filipe lidava com políticas. O imperador compô-lo de maneira a que, caso «Deus escolha chamar-me» antes de ter atingido os seus objetivos políticos, «o dito príncipe conhecerá as nossas intenções» e seguirá as estratégias religiosas, dinásticas e políticas corretas «para que possa viver e reinar em paz e prosperidade». Foi o primeiro de vários documentos pormenorizados com conselhos que iriam moldar decisivamente a visão política do príncipe. Filipe seguiria os objetivos delineados pelo pai para o resto da vida.²⁸

Após ordenar que o príncipe amasse a Deus e defendesse a Sua Igreja, o imperador pediu-lhe que depositasse a sua confiança acima de tudo nos seus parentes.

Criar e continuar uma amizade e compreensão verdadeira, sincera e perfeita com o rei dos Romanos, o nosso irmão [Fernando], e com os seus filhos, nossas sobrinhas e sobrinhos; com as rainhas da França [a sua irmã Leonor] e Hungria [a

sua irmã Maria]; com o rei e rainha de Portugal [a sua irmã Catarina], e seus filhos, e com o irmão do dito rei, pois é-vos requerido manter os laços familiares, e prosseguir a amizade e entendimento que existe entre eles e eu.

De seguida, Carlos considerou ser melhor lidar com três assuntos contenciosos: França, Países Baixos e Milão. Via-os ligados, pois embora estivesse atualmente em paz com o rei de França isso continuaria apenas se as partes concordassem em «terminar e extinguir todas as disputas e conflitos de interesses» no que dizia respeito aos Países Baixos e Milão, e selou o acordo com «alianças matrimoniais». O imperador revelou que prometera ao rei Francisco que o seu segundo filho casaria com a infanta Maria, com Milão como dote. Contudo, apesar desta promessa, tanto Carlos como a imperatriz tinham estipulado nos seus testamentos que «se não tivermos outro filho que não o príncipe, como aconteceu», então Maria casaria com um dos filhos do irmão de Carlos, Fernando, e juntos governariam os Países Baixos. Este assunto tornara-se criticamente importante com a «agitação e rebelião» nos Países Baixos. O imperador temia que «a diversidade dos seus habitantes e a variedade de seitas opostas à nossa fé e Igreja, estabelecidas sob a pretensão de liberdade e autogoverno, possa causar não só a sua perda total e separação da nossa Casa, como também a sua alienação da nossa fé sagrada e Igreja». Propôs, portanto, renegar os seus empreendimentos prévios tanto com Francisco quanto com Fernando, de forma a que «o príncipe, nosso filho, herde os Países Baixos» — mas, avisou a Filipe, como este resultado implicaria graves riscos, ele poderia afinal decidir «legar os ditos Países Baixos à nossa filha [Maria] e seu futuro esposo, de forma a evitar os ditos riscos, para beneficiar a cristandade e o nosso filho, e para assegurar o bem-estar, segurança e tranquilidade dos reinos e outros territórios que ele irá herdar».

As Instruções do imperador delineavam também a política que Filipe deveria seguir em relação a três outros estados: Portugal, Saboia e Inglaterra. A infanta Joana deveria casar com o herdeiro do trono português, o príncipe João; os franceses deviam evacuar a Saboia, tomada pelo cunhado de Carlos, o duque; e Filipe deveria «ter muito cuidado em não concordar incautamente com algo que pudesse afetar de forma adversa a nossa fé e Igreja» em Inglaterra, permitindo aos protestantes tirar proveitos. Além disso, os laços familiares obrigavam o príncipe a «tomar conta» da prima, Maria Tudor, «e assistir e avançar a causa dela o mais convenientemente possível».

Este documento notável, pondo a descoberto segredos que Carlos não revelara a mais ninguém, presta testemunho da grande confiança que ele tinha no seu herdeiro; mas como Filipe era demasiado novo para implementar qualquer uma das políticas lá incluídas, devemos perguntar-nos qual o público pretendido. Como as instruções sobreviventes a Tavera não contêm nada sobre política externa, assim como o documento endereçado a Filipe nada inclui sobre mantê-lo em segredo (como fariam as Instruções posteriores do imperador), não há dúvida de que Carlos pretendia que o filho o partilhasse com Tavera, Cobos e Zúñiga. Se Carlos morresse no estrangeiro, este triunvirato conduziria os assuntos do príncipe.

Embora estas Instruções não tenham produzido efeito (pois Carlos sobreviveu), identificavam vários assuntos que dominariam a política externa espanhola durante o resto do século: a necessidade extrema de manter boas relações com o ramo austríaco da família e casar com a família real portuguesa; a possibilidade de Milão ou os Países Baixos poderem ter de ser abandonados; a responsabilidade de restaurar a Saboia ao seu duque; e a obrigação de proteger a fé católica, e o pretendente católico ao trono, em Inglaterra. Além disso, o documento exibia três defeitos que iriam minar a política externa espanhola durante um século: excesso de secretismo, desprezo por promessas solenes e relutância em entregar qualquer território. As Instruções de 1539 de Carlos sublinhavam assim de forma impressionante tanto as forças como as fraquezas das possessões que o seu filho herdaria.

Nos dois anos seguintes, Zúñiga controlou sozinho a educação de Filipe, e os seus relatórios detalhados ao imperador permitem-nos seguir o progresso do príncipe. Para começar, a sua vida religiosa mudou radicalmente. Após a morte da mãe, o príncipe incidiu cada vez mais a sua atenção devocional no seu homónimo, S. Filipe, em cujo dia ele se tornou cavaleiro do Tosão de Ouro (1533) e recuperou da varíola (1536) — acontecimentos que mostraram que o santo estava «a olhar» por ele. Nesse mesmo dia em 1539 a mãe morreu, uma coincidência que reforçou ainda mais a devoção de Filipe ao seu padroeiro, pois sugeria que o santo intervirá para escoltar a mãe até ao céu. Daí em diante, combinaria a celebração do dia do seu santo com a da morte da mãe. Em 1541, Filipe fez a Primeira Comunhão, e Zúñiga, orgulhoso, assegurou ao imperador que «Sua Majestade deveria agradecer a Nosso Senhor por ele ser um filho cristão, também virtuoso e inteligente». Como exemplo do primeiro, Zúñiga notou que dos trinta ducados que Filipe recebia todos os meses «para comprar coisas que lhe agradassem» ele entregava «quinze a Deus».²⁹

O príncipe também se distinguia nos exercícios ao ar livre. Em 1541 começou a caçar com falcão e Zúñiga reportou que «embora ele goste bastante de atirar com a besta, quando não o pode fazer aprecia a falcoaria — e, de facto, qualquer atividade ao ar livre». Filipe aprendeu também a lutar. O tesoureiro da sua casa real comprou «duas espadas de esgrima» e «quatro lanças para que Sua Alteza possa correr na arena», e em 1543 Zúñiga declarava que «Sua Alteza é o melhor espadachim desta corte», acrescentando um pouco mais tarde que «ele luta muito bem a pé e a cavalo».³⁰

Zúñiga revelava-se menos entusiasmado com os estudos do príncipe. Em junho de 1541 notou que «nos últimos dois meses tenho estado muito mais otimista do que o costume de que ele irá gostar de latim, o que me agrada muito pois acredito que ser um bom latinista é parte importante de ser um bom governante, para saber como se governar a si próprio e aos outros» — mas o qualificador preciso de «dois meses» não foi acidental.³¹ Por sugestão de Zúñiga, no início daquele ano Carlos retirou Silíceo de tutor do filho e nomeou o humanista aragonês Juan Cristóbal Calvete de Estrella, «um homem bastante estudioso» que era «de sangue puro» (ou seja, sem quaisquer antepassados judeus ou mouros), «como mestre de gramática para ensinar todos os pajens presentes e futuros do príncipe». O novo instrutor expôs imediatamente os seus jovens pupilos à melhor escolaridade disponível.³²

Embora Silíceo odiasse o humanismo, não escudara totalmente Filipe da sua influência. Por exemplo, em janeiro de 1540, durante uma ida a Alcalá de Henares para caçar, o cardeal Tavera decretou que o príncipe deveria visitar a Universidade Complutense e, durante três horas, Filipe percorreu as salas de aulas, ouvindo palestras em latim e sentando-se no meio do público quando um bacharel de teologia se formou. Mas a exposição total aos novos ensinamentos começou apenas quando Calvete tomou as rédeas, logo assistido por três outros instrutores: Honorato Juan para lhe ensinar matemática e arquitetura; Juan Ginés de Sepúlveda, história e geografia, e Francisco de Vargas Mexía, teologia. Os quatro preceptores tinham viajado extensivamente para fora de Espanha e ostentavam uma visão cosmopolita que iria alargar os horizontes do príncipe.

Calvete implementou uma visão pedagógica clara desde o início. Em 1541 comprou 140 livros e mandou-os encadernar especialmente para o príncipe, mais que duplicando o tamanho da sua biblioteca. Quase todas estas obras eram escritas em latim, seja por autores clássicos (como César, Cícero, Plauto, Séneca, Terêncio, Vergílio) ou humanistas modernos, incluindo Erasmo (*Adágios e Enchiridion*), Juan Luis Vives (*Tratado del alma*) e

— surpreendentemente — Philip Melanchthon, o principal tenente de Lutero (*Da arte de falar*). Além disso, embora predominassem as obras em latim, Filipe tornou-se o primeiro monarca espanhol a ler grego (com o tempo conseguiria ler as obras de Homero no original) e também aprendeu algum hebraico e aramaico para poder estudar a Bíblia nas suas línguas originais. Adquiriu uma gramática árabe e «um livro sobre o Corão que Sua Alteza mandou que se comprasse».³³ Filipe adquiriu o último artigo durante uma visita a Valência, em 1542, talvez porque Honorato Juan (um valenciano) pensou que pudesse ajudar o seu pupilo a compreender os seus futuros súbditos mouriscos. A visita fez parte de um *grand tour* durante o qual o imperador levou o herdeiro a Navarra, Aragão e Catalunha, assim como Valência, para ser reconhecido como «herdeiro aparente» e, durante a viagem, Calvete, Juan e Sepúlveda — que acompanharam Filipe — aproveitaram todas as oportunidades para instruí-lo sobre as diferentes línguas, culturas e histórias dos seus novos vassalos. Por fim, quando chegaram as notícias de que os franceses haviam cercado Perpignan, a segunda cidade da Catalunha, Sepúlveda iniciou um debate entre os cortesãos sobre qual a melhor forma de salvá-la — a primeira vez que Filipe foi exposto à estratégia militar.

Quando a corte regressou a Castela, Calvete comprou mais livros em latim para apoiar a sua ambiciosa estratégia pedagógica. Obras sobre história — escritas por autores clássicos e medievais, assim como humanistas modernos — constituíam a grande maioria (25 por cento de todos os livros comprados entre 1535 e 1545), seguidas de perto por teologia (15 por cento do total), mas a maioria das disciplinas encontrava-se representada. À medida que ele e o seu pupilo terminavam cada volume, Calvete parece ter acrescentado um «cardinal» (#) antes de continuar, e quando o tempo da sua educação formal chegou ao fim, em 1545, Filipe estudara várias centenas de livros sobre uma grande variedade de tópicos. Calvete expôs também o príncipe à aprendizagem sob outras formas. Frei Bartolomé de Las Casas, que vivera na América durante décadas, apresentou-lhe uma cópia assinada de um manuscrito da sua *Brevísima relación de la destrucción de las Indias Occidentales*; e durante uma visita a Salamanca, em 1543, aos 16 anos, passou a primeira tarde «a inspecionar as salas de aula e a ouvir algumas palestras» dadas por um professor universitário. No dia seguinte, «Sua Alteza ouviu todos os outros professores e assistiu a um exame oral de Direito... Foi-se embora muito tarde».³⁴

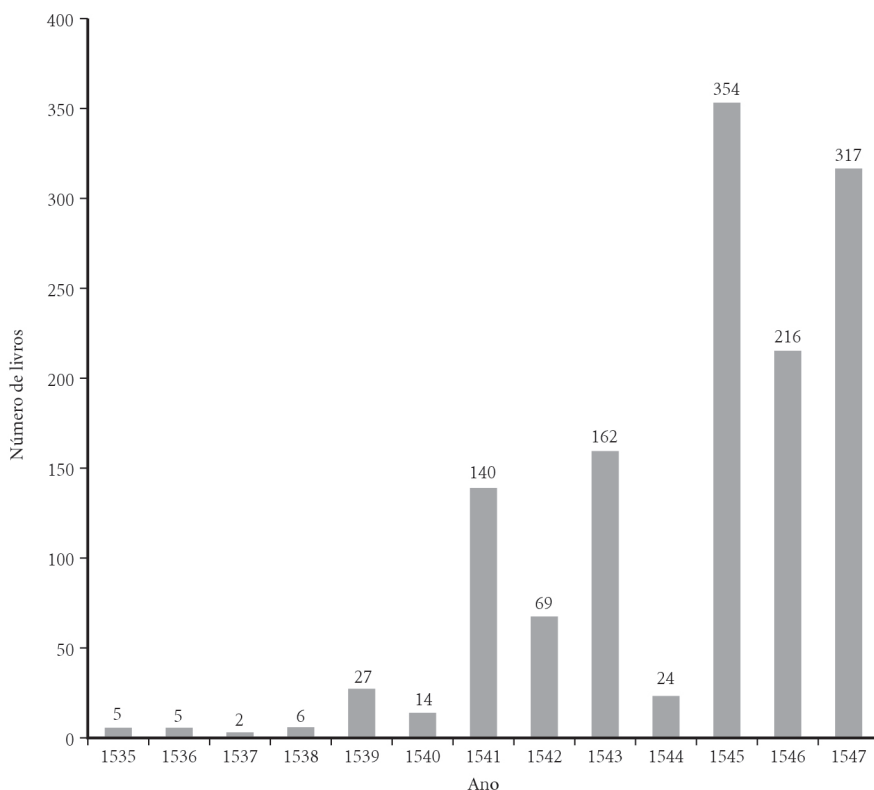


Figura 3. Livros adquiridos por Filipe, 1535–47. O tesoureiro da casa real do príncipe Filipe registou o título e a data de compra de cada livro adquirido por, ou para, o seu senhor, e o ritmo de compras revela o impacto imediato do advento de Juan Cristobál Calvete de Estrella como tutor principal do príncipe a partir de 1540.

No entanto, o plano pedagógico de Calvete deixou algumas lacunas consideráveis. A biblioteca do príncipe possuía poucos livros sobre direito ou guerra, e ainda menos sobre línguas modernas, exceto o espanhol. Além disso, Filipe não recebeu instrução formal de francês, italiano ou qualquer outra língua falada pelos seus súbditos, uma lacuna importante que refletia uma escolha deliberada: como o latim era uma língua universal, Zúñiga acreditava que «é útil conhecer bem uma língua e assim evitar ter de aprendê-las todas». O imperador concordou: «Vê quantos territórios deves governar, e quantos componentes existem, e o quão distantes estão uns dos outros, falando tantas línguas», lembrou ao filho em 1543. Portanto,

Deves compreendê-los e ser compreendido por eles, e para esse fim nada poderá ser mais necessário ou universal que o latim. É por isso que recomendo vivamente que trabalhes para aprendê-lo, para que mais tarde não tenhas medo de falá-lo fluentemente. Também não te faria mal aprender um pouco de francês, mas não desejaria que abandonasses um para estudar o outro.³⁵

Como resultado, Filipe nunca dominou inteiramente o francês. Raramente o falava e quando, em 1576, o embaixador francês leu uma carta do rei em voz alta, Filipe mais tarde confessou a um ministro que «para dizer a verdade, pouco compreendi», pois «não compreendo muito bem o francês».³⁶ Por outro lado, a grande e profunda exposição de Filipe aos ensinamentos humanistas explica não só a sua facilidade com o latim como o seu estilo contundente ao escrever em espanhol, assim como a sua autoconfiança (para não dizer arrogância) ao discutir praticamente todos os aspetos do esforço intelectual: arquitetura com arquitetos, geografia e história com ministros e académicos, e até teologia com papas.

O príncipe adolescente participou cada vez mais em distrações mais complexas. As contas da sua casa real registam a compra de tabuleiros de xadrez, cartas de jogar e «luvas para jogar *pelota* [uma forma antiga de ténis]». Também apreciava o humor de tolos e bobos da corte: entre 1537 e 1540, o tesoureiro do príncipe fez vários pagamentos a «Jerónimo o Turco», o primeiro bobo do príncipe, e em 1542 comprou duas velas «para substituir as duas nos aposentos de Sua Alteza que Perico, o Tolo, partiu em pedaços».³⁷ Filipe também gostava de música. A sua capela incluía um coro composto por dois sopranos, dois contratenores, dois tenores, quatro contrabaixos e dois organistas; e em 1540 mandou reparar os órgãos da capela e levava-os sempre com ele nas suas viagens. As composições e *performances* de Antonio Cabezón deliciavam de tal forma o príncipe que ele levou o organista cego com ele ao Norte da Europa em 1548–51. Contratou também o compositor Luis de Narváez, que o ensinou e às irmãs a tocar a *vihuela*.³⁸ A casa real de Filipe incluía um mestre de dança, que ensinou todas as crianças reais, e um pintor que instruiu o príncipe enquanto ele preencheu «um livro com folhas grandes que Sua Alteza pediu para as suas pinturas». Algumas pinturas mais antigas sobreviveram nas margens de um dos livros do próprio Filipe, provavelmente feitas em 1540–1 — a mesma época em que adquiriu o seu «livro com folhas grandes» (ver

ilustração 4).³⁹ Graças a estas várias atividades, o custo da casa real do príncipe duplicou praticamente entre 1540 e 1543, quando esta consistia numas 240 pessoas, e exigia 27 mulas e seis carroças para transportar as suas posses sempre que Filipe viajava entre as residências reais de Madrid, Toledo, Aranjuez, Segóvia e Valladolid.

Filipe era agora precedido pelo seu estandarte pessoal para todo o lado, marca do estatuto elevado que o distinguiu dos outros membros da corte, e possuía os seus próprios brasão e selo (exibido proeminentemente na rica encadernação de pele dos seus livros). O príncipe tinha o seu próprio mote: *Nec spe nec metu* («Sem esperança e sem medo»). Em março de 1541 vestiu pela primeira vez uma armadura e «correu na arena» à frente de uma equipa de cinco cavaleiros «envergando uma máscara, e embora muitos outros tivessem competido, ele venceu o prémio sem oposição». Cinco meses depois, Zúñiga relatava que «Sua Alteza está muito bem, com um grande desejo (se obtiver permissão) de servir com o seu pai» na expedição anfíbia do pai contra Argel («permissão» que Carlos negou).⁴⁰ Três meses mais tarde, o imperador anunciou que o seu filho casaria com a princesa Maria Manuela de Portugal, a filha da irmã de Carlos e do irmão de Isabel e, portanto, prima direita de Filipe pelos dois lados da família.

O príncipe refletia sobre procriação desde os 8 anos: quando Doña Estefania de Requesens, mulher do seu preceptor, deu à luz uma filha, Filipe disse-lhe que queria que todas as filhas dela «se tornassem damas de companhia da sua mulher». ⁴¹ Após a morte da imperatriz, Carlos começou a passar mais tempo com o filho, instruindo-o na arte da governação tanto durante a viagem dos dois pela coroa de Aragão, como após o seu regresso a Madrid. O imperador tencionava, sem dúvida, tornar estas lições um evento regular, mas quando Francisco I lhe declarou guerra, em 1543, Carlos partiu de Espanha para se encarregar pessoalmente das operações. Desta vez, ao contrário do ocorrido em 1539, ignorou as leis do reino (que proibiam os menores de 20 anos de governar):

Por virtude do nosso conhecimento, vontade e autoridade real absoluta, que nesta matéria desejamos usar e usamos como rei e senhor soberano, sem reconhecer qualquer superior temporal, escolhemos e selecionamos, constituímos e nomeamos o príncipe Filipe como nosso tenente-general e governador dos nossos reinos e senhorios [de Espanha].⁴²

Como já não era capaz de dar lições pessoalmente, pouco antes de partir de Espanha Carlos escreveu três conjuntos de Instruções para ajudar o filho a executar as suas novas e árduas responsabilidades. Uma «Instrução Geral», datada de 1 de maio de 1543, enumerava os poderes e deveres de Filipe como governador de Castela. Exigia-lhe que realizasse algumas das suas devoções em público; que «tomasse as suas refeições em público; reservasse algumas horas do dia para ouvir os que viessem falar com ele, e recebesse as petições e memoriais que lhe entregassem». Estipulava também que o príncipe devia apenas tomar decisões com a aprovação de um triunvirato composto por Tavera, Cobos e Fernando de Valdés, presidente do conselho de Castela. Nesse mesmo dia, o imperador assinou outro documento intitulado «Restrições dos poderes do príncipe», que listava vários assuntos sobre os quais Filipe *não* poderia decidir, apesar dos poderes aparentemente totais concedidos na «Instrução Geral». Muitos deles relacionavam-se com o patronato real — «Não debes emitir certificados que legitimem filhos de clérigos»; «Reservo para mim os assuntos advindos de vacâncias eclesiásticas» — mas outros eram mais latos: «Não prometas recompensas, pois eu não o faço»; «Não concedas a ninguém jurisdição sobre nativos americanos sem a minha autorização expressa».⁴³

A 4 de maio, Carlos preparou mais Instruções pessoais para o filho, escrevendo com o próprio punho «o que sei e compreendo sobre como te debes comportar na governação destes reinos». O imperador começou por notar que, «embora sejas muito novo para uma posição tão exigente, existem todavia pessoas não mais velhas que tu cuja coragem, virtude e bom julgamento foram tais que os seus feitos ultrapassaram os seus breves anos e experiência». E continuou:

Acima de tudo, debes ser resoluto em duas coisas. A primeira e mais importante: mantém sempre os teus olhos em Deus, e submete-Lhe todas as tarefas e dúvidas que enfrentares, e sacrifica-te. Estás bem preparado para fazê-lo. Segunda: acredita e aceita todo o bom conselho. Estas duas resoluções irão permitir-te ultrapassar a tua falta de maturidade e experiência, e irás realizar as coisas de tal forma que serás em breve capaz e suficientemente experiente para governar bem e sabiamente.

Carlos providenciou então uma série de injunções específicas. «Nunca ordenes que justiça seja feita se sentires raiva ou parcialidade, especialmente

em assuntos criminais.» «Evita estar zangado e nunca faças nada quando sentires fúria.» «Tem muito cuidado em não prometer nada, seja oralmente ou por escrito, ou aumentar as expectativas para o futuro.» «Concede audiências quando assim for exigido, e sê afável nas respostas e paciente ao ouvir; e marca horas fixas durante as quais as pessoas te possam ver e falar contigo.»⁴⁴

Em seguida, o imperador virou-se para assuntos pessoais, e o tom dele tornou-se mais severo. «Deves mudar a tua forma de vida e as tuas relações com as outras pessoas», afirmou sem rodeios. «Como te disse em Madrid» (uma alusão a conversas íntimas anteriores entre pai e filho),

não deves pensar que os teus estudos irão prolongar a tua infância. Ao invés, irão fazer-te crescer em honra e reputação para que, apesar da tua juventude, sejas tomado por um homem. Tornar-se homem cedo não se trata de pensar ou desejá-lo, ou de ter crescido totalmente, mas apenas de ter o julgamento e conhecimento necessários para agir como homem, e como um homem sábio, são, bom e honrado. Para que isto aconteça, toda a gente precisa de educação, bons exemplos e discursos.

«Até agora», continuou o imperador, incansável,

os teus únicos companheiros têm sido crianças e os teus prazeres têm sido os apreciados na sua companhia. A partir de agora, deves manter essas pessoas à tua volta apenas para lhes dizer como devem servir-te. A tua companhia principal deve ser de homens mais velhos e maduros com virtudes, boa conversa e postura; e deixa que qualquer distração que tenhas seja com tais pessoas e em moderação, pois Deus criou-te para governar e não para relaxar.

Em particular, Carlos repreendeu o filho por «passar tanto tempo com bobos» e ordenou-lhe que «prestasse menos atenção a tolos» (um conselho que Filipe não podia ou não iria obedecer).

Por fim, o imperador virou-se para o assunto do sexo. «Em breve estarás casado» e, avisou Carlos,

Na medida em que és jovem e de tenra idade e eu não tenho outro filho, e não desejo ter outros, é muito importante que refreies os teus desejos e não faças esforços excessivos nesta fase

inicial, que poderão levar a danos físicos, pois para além do facto de poder ser perigoso tanto para o crescimento do corpo como para a tua força, pode muitas vezes levar a tal fraqueza que interfere com a conceção de crianças e até causar a morte, como o fez com o príncipe João [de Trastâmara], forma como vim a herdar estes reinos.

O imperador partilhou a crença comum (mas errónea) de que o herdeiro de Fernando e Isabel, que em todos os aspetos deveria servir como modelo a Filipe, morrera em resultado de atividade sexual imoderada com a sua jovem mulher; e não tinha intenção alguma de deixar que Filipe seguisse o seu exemplo. Carlos estabelecera de forma evidente que o filho ainda era virgem e extraiu-lhe também uma promessa de permanecer assim: «Estou certo de que me disseste a verdade sobre o passado, e que mantiveste a tua palavra [de ser celibatário] até casar.» Agora exigia que o príncipe mostrasse a mesma moderação após o casamento.

Deves ser bastante refreado quando na companhia da tua mulher, e, como isso é algo difícil, a solução é maneres-te longe dela o mais possível; e por isso exijo e peço que assim que consumes o casamento alegues uma doença qualquer e te mantendas longe dela e não a visites tão depressa ou com tanta frequência. E quando voltares, fá-lo apenas por pouco tempo.

Carlos reforçou este pedido extraordinário instruindo os seus ministros a compelir a conformidade do jovem casal.

Para assegurar que não existam falhas neste assunto, embora a partir de agora já não precises de um tutor, nesta matéria apenas quero que Don Juan [de Zúñiga] continue [nesta capacidade]. De acordo com o que te disse na presença dele, nesta matéria deverás fazer apenas o que ele te diz. Com estas instruções, mesmo que te enfureçam, ordeno que ele não se iniba de dizer e fazer tudo o que puder para que cumpras.

Para ter a certeza absoluta de que o filho obedecia, Carlos ordenou também que o duque de Gandía (o futuro S. Francisco Borgia) mantivesse a futura esposa do filho «longe de ti exceto nas alturas em que a tua vida e saúde o

permitam». É difícil imaginar uma situação mais passível de criar complexos sérios com o sexo num rapaz de 15 anos.

A 12 de novembro de 1543, vestido «inteiramente de branco, para que parecesse uma pomba», Filipe conheceu a sua futura noiva e durante algumas horas dançaram e jantaram; depois descansaram até às 4 horas da manhã quando Tavera os casou; e apenas então se retiraram para os aposentos da princesa. Mas não por muito tempo: «Após estarem juntos por duas horas e meia, Don Juan de Zúñiga entrou no quarto e retirou o príncipe para outra cama nos seus próprios aposentos.» Além disso, após menos de uma semana de tempo juntos cuidadosamente racionado, o casal viajou para as suas camas separadas em Valladolid onde, «após alguns dias a dormir separados, Sua Alteza desenvolveu uma comichão bastante dolorosa». Zúñiga oscilou entre alívio, que isto significava que «ele não iria dormir com a esposa», e preocupação de que «a comichão continue, e é algo que ele nunca teve na vida». Após a comichão ter passado, Filipe mostrou frieza — houve quem dissesse aversão — pela noiva: «Quando estão juntos, Sua Alteza faz parecer que está ali contra a sua vontade, e assim que ela se senta, ele levanta-se e sai.»⁴⁵ Tanto Carlos como Zúñiga repreenderam o príncipe por isto: nunca lhes ocorreu que o regime humilhante que lhe tinham imposto fizesse com que Maria Manuela parecesse uma arma mortífera ao seu jovem marido.

Carlos aumentou ainda mais o embaraço do filho pela forma como comunicou as suas instruções de 4 de maio: «Don Juan de Zúñiga irá apresentar-te este documento. Lê-o na sua presença para que ele te possa lembrar do seu conteúdo sempre que ele creia ser necessário.» O imperador sugeriu também que o filho mostrasse o documento a Silíceo, cujo julgamento e experiência louvava. Parece pouco provável que Carlos tenha insistido neste procedimento apenas para humilhar o filho (embora tivesse sido esse o resultado inevitável); em vez disso, o objetivo era enganar os dois ministros mencionados para que pensassem que lhes abrisse o seu coração, assim como a Filipe. De facto, Carlos possuía muito mais informação para partilhar, e a 6 de maio assinou outra carta hológrafa para o filho: «Estou a escrever e a enviar-te este documento secreto que se destina apenas a ti. Deves, portanto, mantê-lo em segredo, fechado a sete chaves, onde nem a tua esposa nem viva alma o possa ver.» Tratava-se do conselho político mais notável jamais escrito em papel por um governante dos inícios da Idade Moderna.

Desta vez, Carlos começou com um pedido de desculpas: «Lamento imenso ter deixado os reinos e domínios que te leguei em tão extrema necessidade.» Pior: se Carlos morresse, «as minhas finanças estarão em tal estado que encontrarás muitos problemas, pois verás o quão pequenas e sobrecarregadas

se encontram as minhas receitas agora». Todavia, o imperador acrescentou, em tom de desafio: «Lembra-te de que o que fiz foi necessário para salvaguardar a minha honra, pois sem isso seria menos capaz de me sustentar e teria menos para te deixar.» A primeira lição secreta de Filipe por parte do pai foi que «honra e reputação» eram muito mais importantes do que o dinheiro; se ele perdesse a vida defendendo-as, declarou Carlos com grandiloquência, «terei a satisfação de a ter perdido no cumprimento do meu dever e ao ajudar-te». De seguida, o imperador partilhou a estratégia militar que pretendia seguir contra a França e seus aliados, e onde planeava encontrar as tropas e o tesouro para a pôr em prática — mais uma vez para que o filho soubesse o que fazer «se eu for feito prisioneiro ou detido nesta viagem».⁴⁶

Carlos reconhecia que os assuntos políticos «são tão confusos e incertos que não sei como expressá-los», pois «estão repletos de confusão e contradições, seja devido ao estado das coisas ou devido à consciência». Portanto, em tudo o que diz respeito à política, Filipe deveria «sempre agarrar-se ao mais certo, que é Deus». Seguiu-se uma passagem extraordinária, precedida por outra injunção de que «deve ser apenas para ti e deves mantê-la em segredo»: uma análise cáustica das forças e fraquezas de cada ministro em cujas opiniões o príncipe deveria apoiar-se, «se Deus me chamar até Ele durante esta viagem».

O imperador volta a referir ao filho «o que te disse em Madrid» sobre «as animosidades, alianças e quase cabalas que se estão a formar ou já se formaram entre os meus ministros» — mas dava agora mais detalhes, pois embora cada um dos seus ministros principais seja «o líder de uma facção, ainda quero que eles trabalhem juntos para que não caias nas mãos de nenhum deles». Portanto, insistiu Carlos, «não te ponhas, agora ou nunca, nas mãos de qualquer indivíduo. Discute sempre os teus assuntos com muitos, e não te deixes ser amarrado ou obrigado a qualquer um deles, pois embora te poupe tempo não é do teu interesse». Depois reviu as forças e fraquezas de cada conselheiro à vez, começando por Don Fernando Álvarez de Toledo, duque de Alba. Embora o imperador considerasse Alba «o melhor que possuímos atualmente nestes reinos» no que dizia respeito a assuntos militares e diplomáticos, excluía-o deliberadamente do comité de conselheiros do príncipe:

É melhor não envolver grandes figuras no governo do reino, e por isso não quis incluir o duque, o que o incomodou um pouco. Desde que o conheço, sei que ele possui grandes aspirações e procura tornar-se o mais poderoso possível, mesmo que tenha chegado genuflexo, todo humilde e modesto; por isso, pensa

apenas em como ele se portará junto a ti, meu filho, pois és mais novo. Deves evitar envolvê-lo ou a outras grandes figuras no círculo íntimo do governo, pois irão tentar aproveitar-se de ti por todos os meios que conseguirem, e isso custar-te-á bastante mais tarde.

Filipe seguiu este conselho durante o seu reinado: nunca admitiu Alba ou qualquer dos grandes no «círculo íntimo do governo».

Em seguida, o imperador avaliou os outros ministros aos quais confiara o cuidado do príncipe. Cobos «não trabalha tão arduamente como trabalhava», queixava-se Carlos, mas, no entanto, «possui experiência de todos os meus assuntos e conhece-os bastante bem», de forma que «farás bem em lidar com ele como eu lido, nunca sozinho e sem lhe dar mais autoridade do que aquela incluída nas Instruções». O imperador dedicou várias páginas a Cobos, incluindo algumas sugestões detalhadas de como «geri-lo» — como recompensá-lo e, ainda assim, mantê-lo sedento por mais — antes de se virar para Zúñiga. Embora ele «te possa parecer algo duro», Carlos aconselhou o filho a «não usar isso contra ele».

Deves perceber que, como toda a gente que te rodeou no passado e que te rodeia atualmente é indulgente e quer agradar-te, isso pode fazer com que Don Juan possa parecer duro; mas se ele fosse como os outros, tudo se passaria como desejavas, e isso não é bom para ninguém, nem para pessoas mais velhas, quanto mais jovens sem o conhecimento ou o autocontrolo que advêm da idade e da experiência.

E, no entanto, prosseguiu o imperador, ninguém é perfeito. «Há duas coisas que me preocupam em Don Juan. Uma é que ele é um pouco parcial, principalmente contra Cobos, mas também contra o duque de Alba... O seu outro defeito é o seguinte: é um pouco ganancioso.» Todavia, conclui o imperador, «não encontrarás melhor conselheiro, e mais ao meu gosto, do que estes dois»: Cobos e Zúñiga.

Carlos era bastante mais crítico dos outros ministros que aconselhariam o filho. Por exemplo, contradizendo o que escrevera dois dias antes, tinha agora pouco a dizer de bem sobre Silício: «Todos sabemos que é um homem bom; mas não era — nem é agora — certamente a pessoa mais adequada para a tua educação, pois sempre foi demasiado ansioso por agradar-te.» Agora, é «teu confessor, e não seria bom se ele fosse demasiado indulgente contigo em

termos de consciência como o foi na tua educação. Até ver não houve problemas», continuou Carlos, «mas a partir de agora poderão surgir alguns bastante consideráveis.» O imperador recomendou, portanto, ao filho que «deverás nomear um bom frade como teu confessor».

As instruções hológrafas de Carlos — tão diretas, tão pessoais, tão percutivas — causaram uma tremenda impressão no filho. «Recordo uma lição que Sua Majestade [Carlos] me ensinou há muitos anos», explicou ele a um conselheiro em 1559, quando recusou prometer uma promoção futura a um suplicante, «e as coisas têm corrido bem para mim quando o segui e muito mal quando não o fiz» — uma referência clara ao conselho de Carlos dezasseis anos antes: «Tem muito cuidado em não prometer nada, seja oralmente ou por escrito, ou aumentar as expectativas para o futuro.» Em 1560, quando interrogado pela Inquisição, citou explicitamente «as instruções que o meu senhor o imperador, na sua glória, me deu quando partiu destes reinos em 1543, nas quais (entre outras coisas) me ordenou que me certificasse de que os prelados residissem nas suas dioceses». Mais uma vez, em 1574, quando Filipe pensou ter de deixar Espanha e nomear a esposa como regente, um dos seus ministros sugeriu basear as Instruções para ela nas que Filipe estabeleceu quando partira para Inglaterra vinte anos antes; mas o rei preferiu «as do tempo quando comecei a governar, no ano de 1543», pois «os documentos de conselhos que o imperador me deu então, escritos pelo próprio punho», continham imensa informação útil.⁴⁷

«Sua Alteza recebeu as Instruções que Vossa Majestade lhe enviou», reportou Zúñiga ao imperador em junho de 1543, «e começou a segui-las com grande cuidado e diligência em tudo o que ele precisa de fazer»; enquanto Tavera assegurou ao seu senhor que «o príncipe começou a exercer os poderes que Sua Majestade lhe enviou, e no que vimos até agora, ele mostra muito mais cuidado e perícia nos assuntos públicos do que o esperado em alguém da sua idade». Embora Carlos pretendesse que o filho assinasse o próprio nome apenas nas «ordens e mandados que dizem respeito à própria casa», Zúñiga descobriu que «o príncipe João [de Trastâmara], ao lidar com os seus domínios e ao assinar outros documentos, escreveu *Yo, el príncipe* [«Eu, o príncipe»], e mostrou a Cobos «muitos documentos assinados pelo príncipe João» para demonstrar que «este é o estilo normal dos príncipes de Castela». Sem esperar pela aprovação imperial, os dois ministros resolveram que Filipe «deveria fazer o mesmo doravante». «Felipito»⁴⁸ era agora adulto.

CAPÍTULO DOIS

Um príncipe renascentista, 1543 – 1551

Governador de Espanha

Como «governador de Espanha», Filipe recebeu uma torrente de cartas do seu pai ausente repletas de ordens e súplicas. Portanto, em outubro de 1543, no final de uma carta a pedir dinheiro para apoiar a guerra com a França, Carlos acrescentou um pós-escrito no seu próprio punho que se aproximava da chantagem: «Meu filho: estou certo de que quando vires o que escrevi aqui, e o quanto isso me afeta, irás fazer tudo o que um filho leal é obrigado a fazer para não abandonar o seu pai nesta situação... Não deverás falhar no envio dos soldados e dinheiro que pedi.» Nem duas semanas depois, o imperador volta a pegar na pena para manter a pressão: «Meu filho», trau-teou ele após outro longo pedido por soldados e dinheiro de Espanha, «mais uma vez peço-te que me mostres o filho leal que és.»⁴⁹

Sem dúvida encorajado pelos seus conselheiros espanhóis, preocupados com a possibilidade de demasiada pressão fiscal poder gerar tumultos, Filipe utilizou a defesa usada pelos servos dos monarcas Habsburgo em todo o lado: «Obedeço mas não executo [*Obedezco pero no cumplo*]». Primeiro, o príncipe procrastinou, deixando por vezes passar várias semanas antes de responder ao pai, «pois foi necessário consultar os conselhos e outros conselheiros» nomeados pelo pai «na minha presença», onde debateram a melhor resposta; e quando finalmente respondeu ao pedido de outubro de 1543 do imperador (citado acima), após quatro meses de atrasos, desafiou o pai pela primeira vez:

Rogo a Sua Majestade o mais honestamente possível que receba o que eu digo com o mesmo espírito com que escrevo. Não procuro contornar os planos ambiciosos de Vossa Majestade, que são fruto do seu valor imperial, mas lembrá-lo do estado atual das coisas, a miséria na qual a Cristandade se encontra, a exaustão dos vossos reinos, o prejuízo que se segue às grandes

guerras (por mais justificadas que sejam) e o perigo no qual nos encontramos, com frotas inimigas à porta e poucos recursos com os quais lhes resistir.

A única estratégia realista na situação corrente, «se Sua Majestade desejar evitar um desastre irreparável», conclui Filipe ousadamente, seria a paz em todas as frentes.⁵⁰

Quando esta carta desafiadora chegou, Carlos já pusera em ação os seus «planos ambiciosos» e invadira França, e em poucos meses alcançara o sucesso para lá dos seus sonhos mais incríveis: em setembro de 1544, o seu exército avançara até 80 quilómetros de Paris, forçando Francisco I a negociar uma paz rápida. O imperador foi generoso no seu momento de triunfo: para assegurar um acordo duradouro, ofereceu ceder ao seu adversário um dos territórios que causara desavença entre eles. Prometeu ao rei francês que o seu filho mais novo, o duque de Orleães, poderia casar com a filha de Fernando, com Milão como dote, ou Maria, irmã de Filipe, com os Países Baixos como dote; e pediu ao filho para discutir estas alternativas com Maria e os seus conselheiros espanhóis.

O príncipe estava bem posicionado para conduzir ambas as negociações. Recentemente, Cobos elogiara as competências administrativas e diplomáticas do príncipe numa carta ao imperador. «O seu conhecimento e capacidade melhoraram», observou, para que Filipe consiga o que para outros possa

parecer impossível, graças ao seu grande entendimento e compreensão exultada. Os seus passatempos são uma dedicação total e constante ao trabalho e aos assuntos importantes dos vossos reinos. Ele está sempre a contemplar e discutir assuntos de boa governação e justiça, sem deixar espaço para favoritismos, ou indolência, ou adulação, ou qualquer vício. Os seus negócios e conversas normais são sempre sobre tais temas, com conselheiros maduros.

Nem, continua Cobos, Filipe permitia que os seus «conselheiros maduros» o dominassem. Por exemplo, numa reunião do conselho, ele «perguntara ao duque de Alba algo sobre a guerra com a França e o duque, com a sua impetuosidade habitual, respondeu que desde que ele e o imperador estivessem vivos, logo tratariam de França». A isto (sem dúvida recordando o conselho do pai de nunca deixar que o duque ganhasse vantagem), Filipe «muito baixinho, mas com toda a sua majestade, disse a Alba: “Além do imperador, não

fico em segundo lugar em relação a ninguém. Na minha opinião, quem não compreender isso, e se gabar na minha presença, ou não me conhece ou está a tentar desagradar-me.” E com isto Sua Alteza virou as costas.⁵¹ O duque não voltou a falar.

Assim que recebeu a ordem do pai de discutir a alternativa entre sacrificar Milão ou os Países Baixos, Filipe fez de si próprio o único canal entre Carlos e a irmã, pois, notou com presunção, «ela não confia em mais ninguém como confia em mim», e passou as duas semanas seguintes a conversar com ela a sós. Depois disso reuniu o Conselho de Estado, onde adotou um procedimento de «dividir para reinar» que se tornaria característico do seu subsequente estilo administrativo: «Ordenei que todos deveriam dar a sua própria opinião» na reunião.⁵² Cinco ministros (incluindo Zúñiga) favoreciam a retenção dos Países Baixos por uma combinação de razões económicas, estratégicas e sobretudo dinásticas: os Países Baixos faziam parte do património de Carlos (enquanto o ducado de Milão fora adquirido apenas recentemente), portanto Carlos não os deveria ceder. Em vez disso, o duque de Orleães deveria casar com a filha de Fernando e governar Milão. Cinco outros ministros (incluindo Alba e Cobos) argumentavam o oposto: «O ducado é essencial não apenas para a defesa e preservação de Nápoles e da Sicília, como também para a segurança e tranquilidade destes reinos, e deixar o caminho livre para Vossa Majestade viajar para a Alemanha e Países Baixos, e reunir e enviar tropas e outros recursos de Espanha e Alemanha» para defender qualquer outra parte da monarquia em caso de ataque. Estes ministros viam Milão como o centro e coração do império, e convenceram o príncipe, que pediu ao pai para sacrificar os Países Baixos e permitir que Orleães casasse com a irmã. No entanto, Carlos rejeitou o conselho do filho e declarou que Orleães casasse com a filha de Fernando e adquirisse Milão; apenas a morte do duque poucos meses depois lhe permitiu evitar esta concessão, perpetuando assim a distensão estratégica inerente ao seu império.⁵³

Embora indeferido neste assunto, Filipe logo estabeleceu a sua independência em assuntos menores. Pouco mais de três meses após o imperador ter deixado Espanha, em 1543, o seu tutor reportou que o príncipe «compreende tudo o que lê em latim, embora os seus estudos sejam mais lentos devido às tarefas administrativas que Vossa Majestade lhe confiou e à equitação». Talvez o fim precoce da sua educação formal explique a caligrafia imatura de Filipe: mesmo as suas cartas mais antigas são escritas numa letra regular, mas malformada (ver ilustração 5).⁵⁴ Os exercícios de armas e equitação de Filipe trouxeram também a sua quota-parte de desilusões. Na primavera de 1544, o príncipe e um grupo de companheiros foi a uma ilha no rio Pisuerga, perto

de Valladolid, para participar num torneio baseado num episódio do popular romance cavaleiresco *Amadis de Gaula*; mas o barco que transportava uma das equipas afundou com o peso dos guerreiros armados. Apesar de o barco ter voltado a flutuar e os guerreiros enlameados terem avançado novamente para o encontro na ilha, submergiu de novo e o torneio teve de ser abandonado. Dois anos mais tarde, noutra tentativa de repetir as aventuras de Amadis numa ilha perto de Guadalajara, Filipe lesionou-se nas duas pernas em combate e teve de andar com uma bengala durante algum tempo. Nas palavras de um dos seus parceiros de justa, «No que diz respeito à postura na sela, não há ninguém que ultrapasse o meu mestre rei Filipe» — mas, acrescentou atrevidamente, «ele não costumava partir muitas lanças».⁵⁵

Apesar do tempo passado em feitos administrativos e de cavalaria, Filipe tornou-se um leitor voraz. O tesoureiro da sua casa real teve de comprar velas suplementares expressamente para «os aposentos de Sua Alteza, nos dias em que ali estudava intensamente» e para «as noites em que estudava intensamente no seu quarto».⁵⁶ O facto de o tesoureiro repetir «intensamente [*apretadamente*]» para justificar a despesa pesada em velas testemunha o zelo pouco comum do príncipe em ler. Graças a algumas compras ecléticas — tais como os tratados políticos e militares de Maquiavel (que mais tarde carregariam a inscrição «proibido pelo Index») e as obras de humanistas europeus distintos como Pico de la Mirandola (sobre a imortalidade da alma), Marsilio Ficino (sobre a fé) e Johannes Reuchlin (sobre a Cabala) — e a cópias de apresentação de livros dedicados a ele, a biblioteca do príncipe cresceu para mais de 800 volumes em 1548 e incluía obras escritas e publicadas por toda a Europa ocidental.

R e b e l d i a j u v e n i l

Embora tais elogios da erudição precoce do filho agradassem ao pai, numa das suas cartas a Zúñiga, em 1544, Carlos faz notar circunspectamente que «Não me diz nada sobre o que mais faz o meu filho. Se é porque não há mais nada a dizer, isso agrada-me; mas se é por que teme que isso me aborreça, por favor não hesite em contar-me qualquer assunto que deverei saber, e como deverei corrigi-lo».⁵⁷ Este convite parece ter provocado uma avalanche de queixas, pois dois meses depois Carlos enviou uma resposta exaustiva a Zúñiga que revia «as pequenas coisas que começaram na minha ausência». O imperador decidiu sabiamente ignorar algumas destas «pequenas coisas». Por isso, embora «fosse melhor que ele não regressasse tão tarde quando vai à caça», ou negligenciasse os estudos,

Vendo que está agora casado, e ocupado com assuntos de Estado, e para lá da idade onde possa valer a pena pedir-lhe que faça mais do que deseja fazer de livre vontade, parece-me que lhe deveria ser permitido fazer o que quer, e não chateá-lo tanto que o deixe irritado com tudo.

No entanto, o imperador decidiu chatear o filho sobre quatro «pequenas coisas»: «a forma desordeira e o tempo perdido ao acordar e ir para a cama, e ao vestir-se e despir-se»; «a falta de atenção que mostra na devoção e confissões»; «a frieza que mostra à esposa em público»; e, acima de tudo, «o que aconteceu na casa de Perejón», o bobo do príncipe, «e sair à noite até tarde». Carlos ordenou que «se isto piora», Zúñiga deveria reportá-lo imediatamente.⁵⁸

No seu brilhante estudo dos primeiros anos de Filipe, José Luis Gonzalo Sánchez-Molero sugeriu plausivelmente que as «pequenas coisas» que preocupavam Carlos e Zúñiga faziam parte de uma «rebeldia juvenil» do príncipe contra as suas tentativas intrusivas e humilhantes de controlo. Por exemplo, a lei castelhana afirmava claramente que o casamento trazia consigo a independência da autoridade parental e, no entanto, Carlos compelia o filho a viver separado não só da mulher como das suas amadas irmãs. Os efeitos alcançaram exatamente o oposto do que o imperador pretendia, pois o príncipe aparentemente começou um caso amoroso precisamente nesta altura com Isabel Osorio, uma dama de companhia, primeiro da mãe e depois das irmãs.⁵⁹

A entrada para o ano de 1589 da crónica do reinado do rei, compilada por Luis Cabrera de Córdoba, cortesão bem-informado, afirmava: «Neste ano morreu Doña Isabel de Osorio, que alegava ser a mulher do rei Filipe II.» Alguns anos mais tarde, um tratado político composto por outro cortesão bem-informado elogiava Ruy Gómez de Silva, o conselheiro em quem Filipe mais confiava, pelos «seus grandes esforços para libertar o rei do amor de Doña Isabel Osorio» e pôr um fim ao caso amoroso.⁶⁰ É certo que Filipe favorecia bastante Doña Isabel (especialmente dado que os antepassados dela incluíam um rabino e um líder dos *Comuneros*). Nos primeiros anos do seu reinado, assinou vários mandados concedendo-lhe dinheiro e joias, e à sua morte Doña Isabel gabava-se de riquezas no valor de 60.000 ducados. Acima de tudo, Filipe vendeu-lhe a baixo preço algumas aldeias reais perto de Burgos (a terra natal dela), que ela tornou numa propriedade — Saldañuela — onde construiu um belo palácio conhecido localmente (decerto não por acaso) como «A casa da puta [*la casa de la puta*]». Os entalhes em cada caixilho exterior mostravam uma parecença inconfundível com Filipe a olhar para Isabel.

As provas sobreviventes sugerem, portanto, um caso com o príncipe, que terá começado provavelmente em 1545 e que durou pelo menos até ele partir de Espanha, em 1548.

Apesar de tudo isto, e das queixas de Carlos sobre a «frieza» do filho com a esposa, em julho de 1545 Maria Manuela deu à luz um filho, chamado «Carlos» em honra do avô. Quatro dias depois, ela morreu. A sua morte deixou Filipe de rastos, e retirou-se para um mosteiro a fim de fazer o luto. Ele não escreveu ao pai durante um mês, «pois a angústia e remorsos causados por tão grande perda não mo permitiram fazer». Regressou apenas à vida pública, disse a Carlos, «para evitar abandonar os assuntos destes reinos que Sua Majestade me confiou»; e mesmo então «embora tenha regressado ao palácio, isolei-me, apesar de resolver sempre todos os assuntos pendentes». Não existe motivo para duvidar da profundidade da «angústia e remorsos» de Filipe: a mulher tinha apenas 17 anos e morrera dando à luz o filho dele — a consequência direta da intimidade sexual que o pai lhe urgira que moderasse. O seu único consolo foi que «o infante [D. Carlos] se encontra bem, e dizem que melhora todos os dias».⁶¹

Filipe viu também a sua situação «melhorar todos os dias», à medida que desapareciam «os homens mais velhos e maduros» que o pai nomeara para o guiarem. Tavera, o conselheiro sénior, morreu em agosto de 1546, seguido dez meses depois por Zúñiga, o seu mais «fiel conselheiro» e moderador da sua vida sexual. Alba partiu para se juntar ao imperador na Alemanha, enquanto a doença forçou Cobos a retirar-se para as suas propriedades, onde morreu. Em junho de 1546, Carlos reconheceu formalmente o inevitável: como prelúdio de investir Filipe como duque de Milão, um feudo imperial, assinou uma declaração que afirmava que, dali em diante, o novo duque «seria emancipado e livre do nosso controlo parental».⁶²

O príncipe não perdeu tempo para começar a explorar esta «emancipação». As suas cartas para Carlos tornaram-se mais francas. Assim, em dezembro de 1546, informou o pai de que todas as receitas de Castela para os quatro anos seguintes haviam sido antecipadas e gastas, para «atingirmos o fim da linha, não sabemos de onde nem como encontrar formas e meios de encontrar dinheiro. O problema imergiu-nos a todos numa ansiedade muito maior do que possa imaginar».⁶³ Filipe criou também então os seus próprios quadros administrativos, procurando preencher postos vazios ao promover homens que conhecia pessoalmente, embora isso criasse tensão no governo central entre aqueles cuja lealdade ia primeiro para o imperador e os que lhe deviam tudo. O príncipe tomou igualmente uma iniciativa institucional importante: criou um arquivo para a coroa de Castela no castelo de Simancas,

uma fortaleza real perto de Valladolid, e também ordenou que se transferissem para lá todos os livros que pertenciam aos seus antepassados reais, aparentemente com a intenção de criar ali uma biblioteca real. Terminara a sua «rebeldia juvenil».

Projeto para um império

Em 1547 Filipe regressou a Aragão, onde presidiu durante seis meses às Cortes Gerais da Catalunha, Valência e Aragão. Como cada assembleia se reunia separadamente, o príncipe tinha de passar de um edifício para o outro para ouvir as queixas e para requerer impostos, de cada um. Durou até ao Natal e, de acordo com um membro do seu séquito, «vi Sua Alteza passar noites inteiras sem dormir até ter concluído todos os itens em discussão». ⁶⁴ Mal as Cortes terminaram, o imperador decidiu que ambos os seus filhos mais velhos, Filipe e Maria, deveriam deixar Espanha e juntar-se a ele na Alemanha e ditou um longo documento — subsequentemente conhecido como o seu testamento político — que continha os seus pensamentos sobre os estados e governantes que Filipe conheceria nas suas viagens, e o seu lugar no mundo habsburgo. Esse documento ofereceu ao príncipe um verdadeiro projeto para um império e, tal como as Instruções que recebera cinco anos antes, Filipe esforçou-se para atingir, durante o resto da sua vida, os objetivos delineados pelo pai.

Tal como fizera com os seus documentos com conselhos, em 1539 e 1543, o imperador começou por pedir ao príncipe para «submeter todos os desejos e ações à vontade de Deus» e fazer da defesa da fé católica a sua primeira responsabilidade. Depois lamentou o custo «das guerras que fui forçado a combater tantas vezes e em tantos lugares» para defender o império — mesmo que, reparou ele com um toque de soberba, «com a ajuda de Deus (pela qual Lhe agradeço) conservei, defendi e acrescentei outros de grande qualidade e importância». A primeira necessidade seria, portanto, assegurar-lhes um período de paz durante o qual recuperar. No entanto,

evitar a guerra e mantê-la à distância nem sempre é possível para quem o deseja... especialmente quem governa reinos tão vastos e numerosos e tão extensos como Deus, na Sua bondade, me deu e os quais, se Lhe agradar, passarei para ti. Por muito que isso dependa da boa ou má vontade dos vizinhos e outros estados.